



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NAS TURMAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

JÉSSICA SOARES GOMES FIGUEIREDO
RAQUEL DE CARVALHO SALES

João Pessoa/PB
2016

JÉSSICA SOARES GOMES FIGUEIREDO

RAQUEL DE CARVALHO SALES

AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NAS TURMAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC - apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento às exigências para
obtenção do grau Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

João Pessoa/PB
2016

F475r Figueiredo, Jéssica Soares Gomes.

As relações de afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas turmas do ciclo de alfabetização / Jéssica Soares Gomes Figueiredo, Raquel de Carvalho Sales. – João Pessoa: UFPB, 2016.
79f. ; il.

Orientadora: Isolda Ayres Viana Ramos
Monografia (graduação em Pedagogia - licenciatura) – UFPB/CE

1. Relação professor/aluno. 2. Afetividade. 3. Ensino-aprendizagem.
I. Sales, Raquel de Carvalho. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064.2(043.2)

JÉSSICA SOARES GOMES FIGUEIREDO

RAQUEL DE CARVALHO SALES

AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NAS TURMAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC - apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal
da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do grau
Licenciado em Pedagogia.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ___/___/___

Profª Esp. Isolda Ayres Viana Ramos - Orientadora

Profª Drª Márcia Rique Carício - Examinadora

Profª Drª Santuza M. de F. P. da Fonseca - Examinadora

João Pessoa/PB
2016

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho a Deus, por ser essencial em nossa vida, autor de nosso destino, nosso socorro bem presente na hora da angústia. Aos nossos familiares pela compreensão e carinho nesse momento tão especial e a nossa professora orientadora que tão diligentemente nos atendeu e esclareceu nossos anseios e questionamentos de forma carinhosa e zelosa.

Aos professores do ciclo de alfabetização que tanto necessitam de um apoio diante dos desafios que se descortinam na carreira professoral e se colocam como empecilho na relação de carinho e afeto entre professor e aluno.

Aos alunos que se mostram tão solícitos ao aprendizado quando é ouvido e acarinhado pelo seu professor que tem a oportunidade de se tornar um parceiro na busca pelo aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado permissão de chegar até aqui, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior e melhor amigo que alguém pode conhecer.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio e incentivo. Ao meu marido e filhas, pela grande ajuda, carinho e compreensão em todos os momentos.

Agradeço a minha professora orientadora, pelo empenho afetuoso destinado à elaboração deste trabalho.

Meus agradecimentos aos amigos de curso que fizeram parte da minha formação os quais nunca esquecerei. Aos colegas de trabalho, pelo apoio na construção deste projeto. Aos irmãos em Cristo, que por mim oraram e escutaram meus anseios e incertezas com paciência e atenção.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação, o meu "*Muito Obrigado*".

Raquel de Carvalho Sales.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **DEUS**, por estar sempre comigo me fazendo vencer cada obstáculo que aparece em minha vida, protegendo e iluminando os meus passos.

A minha mãe, **MARIA JOSE FIGUEIREDO**, que sempre esteve comigo nos momentos que precisei, abrindo espaço nas atividades diárias, para que eu pudesse me dedicar ao estudo.

Ao meu pai, meu irmão e ao meu namorado, **ZENÓBIO FIGUEIREDO, FELIPE FIGUEIREDO e REDSON JUNIOR**, que sempre estiveram do meu lado me ajudado nas minhas idas e vindas da UFPB.

As minhas amigas **FABIANA LUNA, JANICLEIA DE ASSIS, KARLLA RODRIGUES e VIVIANE DA COSTA**, que contribuíram de diversas formas para a minha formação, com trocas de aprendizagem ao decorrer do curso.

A minha companheira de TCC **RAQUEL DE CARVALHO**, pelas trocas de conhecimento e aprendizagem, pela amizade que surgiu, e que juntas conseguimos concluir mais uma etapa das nossas vidas, e alcançar o nosso objetivo.

Aos **PROFESSORES** do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, por estarem presente nesta etapa tão importante para minha vida, e por contribuírem com os seus conhecimentos.

A minha orientadora **ISOLDA AYRES**, pela paciência que teve conosco, pela mediação de seu conhecimento e pela oportunidade que nos deu, de ser nossa orientadora neste trabalho, sou imensamente grata por tudo.

Jéssica Soares Gomes Figueiredo.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas tem contribuído em demasia para construção de neuroses por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de sofrimento.
(Cláudio J. P. Saltini)

RESUMO

Este trabalho com a temática, “as relações de afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas turmas do ciclo de alfabetização”, teve o objetivo de investigar e analisar a influência das relações de afetividade entre o professor e o aluno no processo de ensino e aprendizagem no ciclo de alfabetização e os prováveis fatores que atrapalham o fortalecimento desse vínculo. Iniciamos a pesquisa com um breve levantamento bibliográfico e digital de textos e documentos referentes ao tema, onde a fundamentação teórica se apoiou em teóricos como Vigotsky (1994), Wallon (2005), Saltini (2008), Cunha (2012), Saviani (2008), Freire (2011), Gonsalves (2015), Damásio (2013), Rodrigues (2011), Aquino (1998), Azevedo e Guerra (2006). Para esse estudo, além da pesquisa bibliográfica, houve também uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Comendador Cícero Leite, na cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, pesquisa de caráter investigativo, por meio da aplicação de questionários com questões objetivas e subjetivas para os professores e uma entrevista para os alunos, que continham questões sobre comportamentos afetivos, sociais e psicológicos, relação entre o professor/aluno, modelo de ensino, prática pedagógica, interação, indisciplina e as emoções. A relação que cada professor aborda em sua sala de aula é determinante para o aprendizado do aluno, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, e reconhecendo que o cognitivo está associado ao afeto. Por fim, foram analisados os resultados colhidos na pesquisa, observando a relevância das informações obtidas e associando com a contribuição dos teóricos abordados, nos levando a concluir que os professores precisam entender que ensinar necessita de afeto na relação com o aluno para que produza o efeito esperado: a aprendizagem e que a prática pedagógica exige que o professor leve em consideração os sentimentos e emoções, já que podem favorecer, ou não, o desenvolvimento cognitivo, principalmente no ciclo de alfabetização.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor/aluno. O processo de ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This work named, "the relationships of affectivity in the process of teaching and learning in literacy cycle classes", aimed to investigate and analyzing the influence of affectivity relationships between the teacher and the student in the process of teaching and learning in the literacy and the likely factors that hinder the strengthening of this link. We started with a brief bibliographical research and digital texts and documents relating to the topic, where the theoretical foundation relied on theorists like Vigotsky (1994), Wallon (2005), Saltini (2008), wedge (2012), Saviani (2008), Freire (2011), George (2015), Damásio (2013), Rao (2011), Aquino (1998), Azevedo and war (2006). For this study, besides the bibliographical research, there was also a field research on elementary Municipal school Commander Cicero Leite, in the city of João Pessoa, in the State of Paraíba, investigative character search, through the application of questionnaires with objective and subjective questions for teachers and an interview for students, which contained questions about emotional, social and psychological behaviour, relationship between teacher/student, teaching model, pedagogical practice, interaction, indiscipline and emotions. The relationship that each professor addresses in your classroom is crucial for student learning, contributing to the development of a critical and transformative consciousness, in which this process should not decouple if the affection, and recognizing that the cognitive is associated to affection. Finally, we analyzed the results in the research, noting the relevance of the information obtained and associating with the contribution of theoreticians addressed, leading us to conclude that teachers need to understand that teaching need affection in the relationship with the student so that produce the expected effect: learning and teaching practice requires that the teacher take into consideration the feelings and emotions as they may promote, or not, the cognitive development, especially in the cycle of literacy.

Key - words: Affection. Teacher/student relationship. The teaching and learning process.

LISTA DE SIGLAS

CLAVES - Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

FAD - Faculdade Diadema em São Paulo

IBPEX - Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão em Curitiba

LACRI - Laboratório de Estudos da Criança

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUSP - Prefeitura da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

VEL - Vivência Emocional Libertadora

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modelo de Ensino

Gráfico 2 - Estímulo Desenvolvimento da Aprendizagem

Gráfico 3 - Formas de Interação Promovidas pela Escola

Gráfico 4 - Comportamento dos Alunos em Sala de Aula

Gráfico 5 - Condições de Segurança e Proteção na Escola

Gráfico 6 - Contexto Familiar dos Alunos

Gráfico 7 - Obstáculos nas relações de afeto professor/aluno

Gráfico 8 - Planejamento das atividades diárias

Gráfico 9 - As relações de conflito em sala de aula

Gráfico 10 - O que você mais gosta em sua professora?

Gráfico 11- O que sua professora faz que você não gosta?

Gráfico 12 - Como seria uma professora boa para você?

Gráfico 13 - Você recebe carinho com frequência de sua professora?

Gráfico 14 - Sua professora conversa com você

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A AFETIVIDADE	16
2.1	TRÊS MOMENTOS NA EVOLUÇÃO DA AFETIVIDADE.....	17
2.1.1	O emocional no contexto escolar	18
2.2	A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	20
2.3	A AFETIVIDADE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: A relação com o aluno fora do contexto escolar	22
2.4	ENSINO TRADICIONAL X ENSINO CONSTRUTIVISTA.....	23
2.5	A AFETIVIDADE E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	26
2.6	A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	33
2.7	A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO VOLTADA PARA O AFETO	37
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	42
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO DA PESQUISA	43
3.2	OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	44
3.3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	46
4	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE	1573

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho foi buscar suporte teórico para estudar a influência da afetividade na relação professor/aluno, no processo de ensino e aprendizagem no ciclo de alfabetização, e as prováveis causas que impedem essa aproximação, visto que as emoções são parte integrante do ser humano. Foi investigado a influência deste sentimento no processo cognitivo, e para isso, realizamos uma pesquisa com professores e alunos de uma escola municipal, com o intento de aprofundar os conhecimentos relacionados a este tema tão pouco explorado, mas que, certamente, irá ajudar a entender o terreno socioafetivo que circunda o universo pedagógico.

O presente trabalho tem por título: *As Relações de Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem nas Turmas do Ciclo de Alfabetização* e os dados da pesquisa foram coletados na ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL COMENDADOR CÍCERO LEITE, localizada no Bairro Planalto da Boa Esperança. A pesquisa foi do tipo descritiva, iniciando com uma revisão bibliográfica para fundamentar teoricamente os dados coletados. Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores do ciclo de alfabetização, que responderam a um questionário com onze perguntas fechadas e três abertas. Participaram também da pesquisa, dezessete alunos do ciclo de alfabetização com idades entre 5 e 8 anos, através de uma entrevista simples com uma linguagem de fácil entendimento que acompanhou o grau de maturidade dos mesmos. A pesquisa foi realizada no período entre o dia 22 ao dia 26 de fevereiro de 2016.

Os autores mais consultados foram: Vigotsky (1994), Wallon (2005), Saltini (2008), Cunha (2012), Saviani (2008), Freire (2011), Gonsalves (2015), Damásio (2013), Rodrigues (2011), Aquino (1998), Azevedo e Guerra (2006). Escolhemos pesquisar o presente tema, por sentirmos a necessidade de aprofundamento teórico ao observarmos que algumas questões se mostram como entraves na relação professor/aluno e isto tem atrapalhado o vínculo afetivo para concretizar uma prática pedagógica humanizada, considerando a singularidade e necessidades emocionais dos alunos.

O trabalho teve como Objetivo Geral, investigar a influência das relações de afetividade entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem

no ciclo de alfabetização e os prováveis fatores que atrapalham o fortalecimento desse vínculo. E como Objetivos Específicos, o percurso dos seguintes passos: levantar material bibliográfico e digital sobre o tema; coletar dados na escola sobre a postura do professor em relação ao tema; entrevistar os alunos das turmas do ciclo de alfabetização; e analisar os dados coletados a luz dos teóricos estudados. Pretendemos, também, ao longo do nosso estudo, apontar caminhos para auxiliar os professores diante dos desafios postos no cotidiano escolar e sugerir estratégias para auxiliá-los nos dilemas ocorridos em sala de aula.

O argumento do trabalho se baseou na necessidade de descobrir até que ponto as relações afetivas podem ajudar a melhorar a construção do processo de ensino e aprendizagem, e como a confiança construída entre professor e aluno influencia e ajuda a melhorar o desenvolvimento da capacidade cognitiva, afetiva e social.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: iniciamos abordando a afetividade e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem. Depois, há o direcionamento da afetividade na prática pedagógica, seguido da questão da violência doméstica com reflexo na indisciplina, finalizando com a formação do pedagogo. Em seguida, abordamos os aspectos coletados na pesquisa, analisando e articulando com os dados apurados através do levantamento bibliográfico, apontando sugestões para o enfrentamento das adversidades que impedem a relação de afeto no processo de ensino e aprendizagem.

2 A AFETIVIDADE

A afetividade está presente na vida do ser humano desde o seu nascimento até a sua vida adulta, tendo um grande papel na construção da personalidade do indivíduo. Observando a definição de afetividade, vemos que é uma palavra derivada do substantivo abstrato afeto que significa: impulso do ânimo, sua manifestação, sentimento e paixão. É a afetividade que permite ao ser humano demonstrar todas as nossas sensações, sentimentos e impulsos emocionais a outro ser ou objeto, fazem partes das nossas vivências e com ela sabemos lidar com o nosso sucesso ou o nosso insucesso no mundo acadêmico, profissional e pessoal. Cunha (2012) afirma:

Nossos impulsos emocionais têm início no afeto. Referimo-nos às sensações que se vivenciam no dos sentimentos e que nos trazem experiências reais, boas ou ruins. Essas experiências são responsáveis pelo nosso prazer em viver e, em grande parte, pelo sucesso ou insucesso no mundo acadêmico (p. 16).

A afetividade na sociedade atual deixa muito a desejar, pois os pais têm menos tempo para exercer esse papel que é de fundamental importância para o crescimento pessoal do indivíduo. É preciso esse lado emocional para com as crianças, adolescentes e adultos, para que elas se tornem um ser que saiba lidar com fracassos, perdas e decepções, que irão fazer parte do seu caminho ao longo de sua vida. A transformação ocorrida ao longo de uma vida faz com que o indivíduo venha se conhecer, conhecer melhor suas possibilidades, suas limitações, seus valores e seus sentimentos, havendo firmeza e atitude de escolhas melhores para sua vida.

O adulto que teve uma base familiar estruturada nas demais fases da vida tem mais possibilidade de se colocar no lugar do outro, acolher o outro solidariamente, consegue conhecer a si mesmo e ter conhecimento do mundo, segundo o autor citado, que ainda afirma:

A velocidade do mundo fragmentou o homem moderno. Uma mudança estrutural está transformando as sociedades, mudando as nossas identidades, internalizando nos indivíduos significados e valores externos, que expressam as características deste tempo e os seus objetivos. O sujeito pós-moderno torna-se maleável, capitulado pela celeridade dos acontecimentos, pelas necessidades e manifestações, esquecendo dos rudimentos que tornaram elementares o desejo e o amor à vida (p.22).

O mundo moderno está transformando as pessoas em seres sem sentimentos “cruéis”, idealizando e internalizando significados e valores externos, esquecendo-se de transparecer suas emoções, seus desejos e amor ao próximo. Deixando de lado as relações afetivas, têm o poder de transformar o meio, tornando o ambiente mais afável, amoroso e agradável.

2.1 TRÊS MOMENTOS NA EVOLUÇÃO DA AFETIVIDADE

O estado emocional do ser humano tem início no afeto, o ser humano quando afetado tem reações internas ou externas, essas situações estão ligadas as sensações boas ou ruins, que vem a despertar variadas situações e significações, segundo Mahoney e Almeida (2005), ambas professoras do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP -, que apontam a evolução da afetividade baseada na teoria de Wallon, que é dividida em três momentos que são: a emoção, o sentimento e a paixão.

Emoção: Aparece desde o início da vida, com espasmos, risos, gritos ou outros comportamentos que são demonstrações de emoção, havendo forte influência dos instintos, reações que podem ser internas ou externas podendo-se saber o que o afeta, se está se sentindo bem ou mal.

Sentimento: Corresponde a um caráter mais cognitivo, não são reações instantâneas como a emoção, a pessoa consegue falar, se impor, pensa antes de agir, vê as circunstâncias dos fatos, existe sentido de uma compreensão e de um entendimento.

Paixão: Expõe um autocontrole em função de um objeto ou de um ser, caracterizando ciúmes, exigências e exclusividade.

Por muito tempo, esse estudo das emoções não foi aceito, sendo algo supérfluo sem importância, e só em meados da década de 70, passou a ser aceito e começou a surgir novos estudos sobre o assunto. O comportamento pode ser explicado tanto por estado interno como externo, no caso do afetivo a sensação pode ser agradável ou desagradável, e na emoção a sensação pode ser de bem-estar ou mal-estar. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica (ligadas

às sensibilidades a estímulos e variações no interior do corpo e sensações do próprio corpo), e a base social (ligadas as sensibilidades do outro).

2.1.1 O emocional no contexto escolar

As emoções estão presentes em nossas vidas o tempo todo, tanto no dia a dia como também em nossos processos de ensino-aprendizagem, pois quando se há afeto, sentimento e emoção em sala de aula passa-se a ter uma grande transformação no ensino e na aprendizagem, o espaço escolar tem que ser semelhante ao meio social do indivíduo, passando a permitir que o educando e o educador convivam em um clima muito mais saudável e que suas emoções possam ser identificadas.

Mas o que é emoção? Um dos maiores nomes da neurociência, Antônio Damásio, em entrevista para a Revista VEJA (2013), ao ser perguntado sobre a diferença entre emoção e sentimento, respondeu:

Emoção é um conjunto de todas as respostas motoras que o cérebro faz aparecer no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimentos como a aceleração ou desaceleração do batimento do coração, tensão ou relaxamento dos músculos e assim por diante. Existe um programa para o medo, um para a raiva, outro para a compaixão etc. Já o sentimento é a forma como a mente vai interpretar todo esse conjunto de movimentos.

As emoções estão em tempo integral na vida do ser humano em todas as suas ações, todas as emoções tanto as negativas como as positivas (raiva, medo, ansiedade, tristeza, vergonha, culpa, nojo, inveja, ciúmes, amor, felicidades, orgulho dentre outras) faz com que o indivíduo evidencie o que sente e o que pensa. Muitos acreditavam e acreditam até hoje que a emoção está relacionada com o instinto ou com o sexto sentido, mas não, ela traduz sua ação em movimentos ou expressões.

Ainda sobre a emoção, Gonsalves (2015) destaca:

As emoções são reações que temos mediante informações que recebemos, sendo que essas informações surgem a partir das relações que estabelecemos com o entorno. A intensidade das emoções, portanto, está na dependência da avaliação realizada sobre a informação recebida que se dá, necessária e diretamente relacionada, com nossos conhecimentos prévios, crenças, objetivos pessoais, percepção do ambiente, entre outros (p.31).

A autora apresenta a Vivência Emocional Libertadora - VEL que busca estratégias para lidar com as emoções, descobrindo o nosso próprio corpo, passando a fazer um estudo da própria pessoa, para saber como funciona quando nos emocionamos, um processo de transformação que é gerado e realizado por si mesmo, onde o seu resultado é adquirido quando aprendemos a lidar com as emoções, apoderando positivamente ou negativamente.

Ainda de acordo com as palavras da referida autora:

Busca-se evidenciar as estratégias que podem ser utilizadas para a implantação desse processo que corresponde à possibilidade de vivenciarmos de forma adaptativa e autopoietica todas as emoções, considerando a promoção de bem-estar e a libertação (ibid. p. 18).

A VEL é um processo educativo, não se trata de controlar, manipular ou esconder as emoções, trata-se de vivenciar a emoção para o próprio bem-estar, ajudando as pessoas a se compreender e a adquirirem a competência e habilidades para lidar com sua própria emocionalidade.

O emocional no que diz respeito ao contexto escolar não está centrado apenas no cognitivo do aluno, mas sim, em melhorá-lo através de uma educação emocional. Quando o professor passa a reconhecer as emoções dos seus alunos, inevitavelmente ele estará criando uma relação e um acesso para que a interação aconteça em sala de aula e com isso o ensino e aprendizagem acontecem satisfatoriamente tanto para o professor quanto para o aluno.

As emoções e o afeto têm assumido um grande papel no contexto escolar. A relação entre o professor e o aluno, faz toda diferença: quando o professor é afetivo a aprendizagem acontece mais facilmente. Muitas vezes as crianças passam por várias situações desagradáveis no meio social e familiar, e automaticamente levam para escola e muitos professores não sabem como lidar com essas situações, chegam a achar que o aluno é ruim, mal-educado, quer aparecer etc., mas não, muitas vezes estão deixando refletir através de suas emoções o que está se passado com ele. As emoções e o afeto podem ser vistos

na escola desde o carinho até a expressão de violência. Por isso, é importante que a escola e o professor, venham a trabalhar as emoções no contexto escolar. Esse trabalho irá melhorar tanto no meio social e familiar em que o aluno está inserido, como na escola. Essas situações conflitantes irão dificultar a aprendizagem, com isso o professor precisa estar atento para tentar suprir um pouco através do afeto que falta em casa e só será capaz de reconhecer essa carência através do que o aluno deixa transparecer com as suas emoções.

2.2 A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de ensino e aprendizagem e a afetividade fazem parte de um mesmo círculo, e ambos devem caminhar juntos, havendo uma relação interpessoal entre o professor e o aluno, onde o papel da afetividade vem a ser ponto crucial nesta relação.

O modelo de escolaridade pública e obrigatória que temos atualmente, é baseado nas escolas da Prússia, uma região existente entre a Alemanha e a Rússia, que hoje pertence a Polônia. A educação era considerada obrigatória e os alunos que faltavam às aulas, eram castigados severamente. Os pais por sua vez, pagavam pesadas multas, e o pressuposto deste modelo escolar era o fortalecimento do estado. Para isso, eram necessários cidadãos passivos e obedientes, incapazes de retrucar a repressão imposta pelo governo. Portanto, o ideal da educação escolar da Prússia eram crianças apáticas que apenas reproduziam conteúdos, por isso as relações interpessoais eram extremamente repressoras e visavam apenas o controle absoluto sobre a criança (CELETI, 2012).

Conforme Cunha (2012), a nossa interação não é feita de um livro sobre a história da educação, mas observar como a escola foi alicerçada sobre pilares que não promovem um ensino democrático, afetivo e acessível a todos, com reflexos na cultura que se estabeleceu na relação professor e aluno. As escolas infelizmente ainda têm um modelo repressor e indiferente, as relações entre os professores e os alunos são bastante restritas, os conteúdos vazios, baseado em repasses, o respeito mútuo tem sido deixado de lado, as emoções são relevadas e ouvir o outro se torna perda de tempo.

A escola como um todo (professores, gestores, alunos etc.), tem papel fundamental no estímulo ao desenvolvimento e na formação do educando, buscando metodologias que ajudem os educandos a se tornarem mais seguros e preparados para os desafios que a vida traz no meio familiar, escolar e profissional, ao chegar a escola o aluno traz consigo suas bagagens afetivas e emocionais envolvidas em sua vivência.

A escola precisa, nesse contexto, afetar o educando de maneira profícua, despertando-lhe o amor e o interesse. Ainda que ele não tenha propensão para amar algum conteúdo acadêmico, poderá amar quem o educa. Bem será se amar os dois (CUNHA, 2012, p.17).

Vygotsky (1994) ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, a aprendizagem está ligada a afetividade, já que ocorre essa interação social, não sendo um processo que afeta apenas o cognitivo do educando. Quando há interação e mediação em sala de aula, se constrói o conhecimento, a partir desta relação o educando passa a ter autonomia e todas as suas experiências vão fazer parte de sua história, influenciando diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Através destas experiências, desta troca de saberes vividas em sala de aula entre o professor e o aluno, o afeto se torna constante em trocas positivas de conhecimento, autonomia, capacidade e confiança para os alunos tomarem determinadas decisões.

2.3 A AFETIVIDADE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: A relação com o aluno fora do contexto escolar

A história da educação sempre registrou que há uma relação muito instável entre o professor e o aluno. O afeto é algo que era deixado em segundo plano ou pode-se dizer que passou um bom tempo sem existir. A educação se restringiam apenas em reproduzir conteúdo, por isso as relações interpessoais eram extremamente repressoras e visavam apenas o controle absoluto sobre a criança, sem haver interação entre ambas as partes.

Freire (2011) ao abordar a prática educativa em sala de aula, explica as razões para analisar a prática pedagógica no contexto do qual o aluno se insere, dentro e fora da escola, buscando mostrar a necessidade da relação da autonomia com o educando, enfatizando o respeito e a bagagem que o aluno traz consigo, pois “quem forma se forma e re-forma ao reformar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (p.23). Ele deixa claro o verdadeiro significado de ensinar, onde a troca de conhecimento entre o professor e o aluno é de fundamental importância tanto para o crescimento do aluno quanto para o crescimento do professor, e não fazer a diferença só em sala de aula, mas aumentar sua visão educacional visando o social, o político e o econômico, os professores devem sempre saber que ensinar vale a pena, fazendo com amor o que faz.

Em sala de aula muitas vezes só se tem a valorização do cognitivo, onde as outras dimensões que envolvem o ensino aprendizagem ficam de lado, mas como envolver o afeto em sala de aula? É dar a atenção e o carinho que lhe faltam em casa? Supomos que não! Essa relação afetiva é para que o aluno não seja oprimido, desencorajado, com medo de falar, de expor suas vontades, seus anseios, e sim, alunos e professores que, além do cognitivo, busquem outros significados do ensino e aprendizagem respeitando a identidade do educando, a reivindicar seu espaço como indivíduo, vindo a ser futuramente um ser com autonomia, como diz Freire “a autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem de ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á inautêntico, palavreado vazio e inoperante” (p.69).

A realidade em que o aluno está inserido é de bastante relevância na hora de mediar os conteúdos, o professor precisa conhecer o meio em que o aluno

vive, para proporcionar uma aprendizagem significativa e construtiva relacionando a sala de aula e sua vida social. Cunha (2012) afirma que o corpo expressa as nossas emoções:

Os olhos expressam as reações do nosso organismo como a dor, a alegria, a tristeza, o sorriso, a lágrima. Há pessoas que sorriem com os olhos. Dizem com os olhos o que não dizem com as palavras. Os olhos são expressões das nossas emoções. Com eles, acolhemos ou rejeitamos, focamos ou ficamos dispersos. Expressamos com o nosso corpo, em gestos, o que nossos olhos confessam, sem exigência de palavras (p.119).

O professor conhecendo os medos, as expectativas e os ideais de vida dos alunos, refletidos através dos comportamentos, dos olhares, e dos gestos feitos por eles, ponderando uma prática pedagógica com um olhar afetivo, abordando tanto o meio educacional como o meio em que o educando está inserido, passa a melhorar e a qualificar positivamente o ensino aprendizagem, encurtando a distância entre os dois. As impressões dos professores em sala de aula marcam a identidade do aluno, suas opiniões e os seus princípios tem papel ativo na vida dele, muitas vezes tornando-se espelho sendo uma responsabilidade bem grande para o professor. Com isso o professor necessita conhecer o aluno para ensiná-los que cada ser é único e que cada um precisa criar sua identidade individualmente, respeitando as diferenças e passando autonomia para seu crescimento.

2.4 ENSINO TRADICIONAL X ENSINO CONSTRUTIVISTA

Nesse tópico, abordaremos as principais características dos modelos de educação – o ensino tradicional e o ensino construtivista - estabelecendo conexão com a afetividade e suas relações entre professor e aluno em sala de aula.

O ensino tradicional foi um dos principais modelos de prática educacional que percorreu por anos e existente até os dias atuais, mesmo passando por várias modificações. Surgiu no século XIX com a chegada dos sistemas nacionais de ensino, criados pela sociedade burguesa, que pregava que a educação era direito de todos e dever do Estado.

Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados (SAVIANI, 2008, p.5).

A educação tinha o papel de acabar com a ignorância, como eram vistas as pessoas mal esclarecidas, “Seu papel era difundir a instrução, transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente” (Ibid. p. 5). No modelo de Ensino Tradicional, os alunos são apenas ouvintes “recipientes de informações”, não há lugar para interação, troca de saberes nem afeto. O conhecimento possui um caráter acumulativo, sendo transmitido pelo professor, que domina os conteúdos logicamente organizados e estruturados para serem transmitidos aos alunos. Não há uma relação afetiva entre o professor e o aluno: o professor predomina a autoridade que exige que o aluno apenas receba o conhecimento, sem poder questionar, sem haver nenhum tipo de comunicação entre eles no decorrer da aula.

O ensino construtivista surgiu no século XX, através dos estudos divulgados por Piaget (1896 – 1980) e, embora sua teoria não tenha sido feita para se aplicar em sala de aula, inspira bastante as obras sobre educação. Sua teoria foi alicerçada na observação de crianças desde o seu nascimento até a sua adolescência, tendo comprovado que seu desenvolvimento passa por quatro estágios, que suas operações de raciocínio lógico mais complexas só acontecem na adolescência, e que seu conhecimento só é construído a partir de suas descobertas, sua interação com o mundo e seus objetos.

Não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que essas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas (PIAGET, 2007, p.1).

O ensino construtivista propõe que aluno participe ativamente de seu aprendizado, sendo construído e não apenas transmitido, e constituído com uma relação entre professor e aluno através de suas ações e sua interação em sala de aula. O aluno tem características e potencialidade próprias, mas o professor

precisa favorecer esse desenvolvimento, fornecendo o objeto e organizando as ações para transformá-lo, como diz Santomauro (2010, p. 80), segundo Piaget: “Pensar não se reduz, acreditamos, em falar, classificar em categorias, nem mesmo abstrair. Pensar é agir sobre o objeto e transformá-lo”.

No ensino construtivista o professor deve abordar em sua prática pedagógica, uma reflexão de como se aprende e como se ensina, considerando o meio em que o aluno está inserido e a bagagem que ele traz consigo. Ele precisa criar contextos, conceber ações e desafios para que a aprendizagem seja positiva, e que a visão de ensino seja de que a aprendizagem venha a ser uma construção da própria criança, em que ela é o centro no processo, e não o professor.

Diante do exposto vemos uma grande diferença entre o ensino tradicional e o ensino construtivista. No quadro abaixo, algumas características dos dois modelos:

Quadro 1 – Diferença entre ensino tradicional e ensino construtivista

ENSINO TRADICIONAL	ENSINO CONSTRUTIVISTA
Transmissão de Conhecimento	Mediação de conhecimento
Disciplina Imposta	Construção de conhecimento
Preparação Intelectual e Moral	O aluno constrói seu próprio saber
Aprendizagem Mecânica e Receptiva	Interação aluno – professor
Repetição e Memorização	Contato com mundo externo

Fonte: Elaboração das próprias autoras

O professor deve ser flexível em sala de aula, estar pronto para mudar quando necessário e se adequar à turma, não sendo copiado pelos nossos alunos e sim, criar possibilidades para que eles sejam autores de sua própria história, o professor deve ser autocrítico no seu modelo de ensino, considerando os pontos positivos e os negativos, e o mais fundamental qual dos modelos vai ser melhor para o aprendizado do aluno.

2.5 A AFETIVIDADE E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Fez-se necessário a abordagem deste tema no trabalho aqui apresentado, visto que foi citado como um ponto negativo, diante das relações interpessoais entre professor/aluno no contexto escolar. Através da pesquisa que realizamos, percebemos que a violência doméstica foi apontada como uma das causas pelas quais os alunos do ciclo de alfabetização não conseguem estabelecer um vínculo de afeto e confiança com o professor, visto que enfrentam uma atmosfera familiar instável, e isto atrapalha não só a relação com o professor e os colegas, como também, sua aprendizagem em sala de aula.

Em artigo publicado, Rosas e Cionek (2006), afirmam que o lar deve ser embasado num ambiente de confiança e harmonia, sem rótulos ou acusações maldosas, pois isto implicará numa criança insegura e assustada incapaz de abrir seu emocional às pessoas a sua volta. Pode definir-se violência doméstica por:

Todo ato ou omissão, praticado por pais, parentes ou responsáveis pela criança e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar danos físico, sexual e/ ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes tem de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (Azevedo e Guerra, 2001, apud ROSAS e CIONEK, 2006, pg.12).

Ainda segundo o artigo em questão, entendemos que o lar significa o primeiro ambiente social em que a criança fará parte. Portanto, esta deveria encontrar um terreno favorável para seu desenvolvimento psíquico, cognitivo, emocional e sexual. Uma criança que vive num lar sem harmonia, certamente terá problemas de relacionamento e afeto, visto que, as emoções estão intimamente relacionadas ao vínculo que a criança tem com aqueles que a rodeiam, seja com a professora ou com seus familiares. No seio da família, a criança experimenta reações e sentimentos que a acompanharão durante toda sua existência. As autoras explicam que o lar deverá ser um lugar de intimidade, onde todos terão a oportunidade de se expressar sem medo, os resultados de uma relação familiar traumática serão desastrosos e irá se refletir em todo seu desenvolvimento inclusive o emocional e cognitivo (ROSAS e CIONEK, 2006, p. 11).

Embora entendamos que essa relação com o lar seja primordial na vida da criança, nosso país amarga uma triste estatística, segundo o estudo desenvolvido pelo Laboratório de Estudos da Criança (LACRI/IPUSP), onde aponta que em 1995, o Brasil estava mergulhado em dados obscuros sobre a violência doméstica, ao lado de países como: Equador, Bangladesh, Paquistão e Tunísia. Observando os dados apresentados no estudo, vemos que as informações são esparsas e não oferecem segurança quanto ao número real de casos. Os de violência mais denunciados são os de violência sexual e física, enquanto outros tipos ficam propositalmente escondidos, como a violência emocional e a negligência (AZEVEDO e GUERRA).

Diante desses fatos notamos que o Brasil não possui um histórico confiável de apuração contra os casos de violência doméstica precisando, portanto se apoiar em dados de pesquisas relacionadas ao assunto, sendo assim, muitos casos ficam encobertos e impunes levando as vítimas a mergulharem num silencioso vale de lágrimas, e em alguns casos chegam até a se acostumarem com a fúria dos agressores que na maioria das vezes deveriam ser aqueles que as protegeriam. Outro aspecto que costuma dificultar as investigações contra casos de violência doméstica no Brasil é a grande extensão do território brasileiro, isto dificulta a investigação e apuração dos fatos em tempo hábil.

Como já conceituamos violência doméstica e, em resumo, podemos entender que violência doméstica se trata de: atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação à criança e/ou adolescente, capaz de causar à vítima dor ou dano de natureza física, sexual e/ou psicológica. Ou seja, a violência doméstica se caracteriza pelo abuso de qualquer natureza em relação à vítima. Podendo ser de natureza física, psicológica, verbal, sexual, omissão de cuidados e falta de estímulo, podemos dar como exemplo de violência psicológica o bullying, tão normal entre os estudantes, porém, de natureza destrutiva.

Sendo assim, as autoras subdividem esses atos em formas distintas, como apresenta o quadro abaixo:

Quadro 2 - Formas de violência doméstica

Violência física	Violência sexual	Violência fatal	Negligência
Toda ação que causa dor física numa criança, desde um simples tapa até o espancamento fatal.	Configura-se como todo ato ou jogo sexual hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa.	Atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação à criança e/ou adolescente que, sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico podem ser considerados condicionantes (único ou não) de sua morte.	Representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir, adequadamente seus filhos etc. e quando tal falha não é o resultado de condições de vida além do seu controle.

Fonte: Azevedo e Guerra, 2011, p.16

Ainda segundo este estudo, a negligência pode se apresentar como moderada ou severa, sendo esta segunda a forma mais grave deste crime, nestes casos, as crianças são privadas constantemente do alimento, vivem em ambientes sujos, com roupas sujas, sem asseio, lixo espalhado pela casa, ainda são deixadas sozinhas por muitos dias, chegando a ficar sem comida durante dias, e conseqüentemente ao estado de inanição e morte. De acordo com a presente análise, isso acontece em lares onde os pais são usuários de drogas ou possuem severos desvios de personalidade.

O estudo aponta, ainda, que as denúncias representam uma pequena parte dos crimes ocorridos, pois existem inúmeros casos ocultos em que os próprios parentes escondem, ou até as vítimas se calam diante da fúria de alguns agressores. Portanto, se faz necessário apurar a reincidência dos casos de violência, a omissão dos profissionais e a impunidade diante de crimes bárbaros que são encarados como sendo normais.

O estudo também menciona a pesquisa chamada “*A ponta do Iceberg*”, realizada pelo LACRI, testificando que a violência notificada, aumentou inclusive com dados tanto do gênero masculino como do feminino, com a maioria incidindo sobre o feminino.

As autoras também mostram que crianças e adolescentes portadoras de deficiência física e mental, são mais atingidas pelos agressores, isso acontece porque elas apresentam um maior grau de vulnerabilidade, inclusive ficando evidente que adultos vítimas de violência, frisaram que suas dificuldades de locomoção foram determinantes para que as agressões fossem iniciadas e perpetuadas no seio familiar. Um dado impressionante é que nestes casos, embora pareça absurdo, fica notório a passividade das autoridades em investigar a fundo os crimes ocorridos. Para justificar essa indiferença, a pesquisa frisa que as autoridades alegam que são necessários especialistas para tratar duas áreas: a violência e a deficiência. Com isso, os gastos financeiros seriam alterados, mas fora isso, falta a responsabilidade dos poderes públicos que não estão dando a devida importância às leis de proteção à infância e ao deficiente.

Para sanar esse cenário de desrespeito, preconceito e discriminação, é necessário, resgatar os direitos de proteção dessas crianças e adolescentes, responsabilizando os adultos, por todas as situações de agressões porque passem, penalizando na forma da lei, aqueles que deveriam prover segurança, porém, os expõem ou cometem crimes degradantes que aviltam a integridade de pessoas indefesas.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes está inserida no contexto cultural brasileiro desde os primórdios da história, porém, pouco se pode encontrar informações sobre o assunto. Em pesquisa realizada na literatura brasileira, as autoras encontraram livros biográficos com alguns relatos do período da infância que revelaram episódios de violência.

Os resultados obtidos através do estudo dessas obras literárias mostram como era natural espancar as crianças, em nome da ordem e da disciplina, os pais castigavam os filhos com toda sorte de agressões e instrumentos de tortura, como: cipó, chicote, corda, cinturão, chinelo, relho (chibata), rebenque (chicote), côvado ou até a escova que tirava o pelo da roupa (feita de madeira maciça), portanto muito pesada.

As correções não escolhiam o lugar de bater e nem a forma como bater, eram pancadas na cabeça, croques, cascudos, cocorotes, piparotes, puxões de orelha, torções, tapas e palmadas ardidadas com toda força que se possa desferir. Durante muito tempo, isso era uma prática normal, sendo apontada como sendo

uma maneira abençoada de educar os filhos, embora, causasse cicatrizes profundas na vida dessas crianças (AZEVEDO E GUERRA, p.20).

Embora seja urgente acabar com a violência doméstica contra crianças e adolescentes, existem pontos cruciais que precisam ser discutidos com mais rigor, um dos mais importantes é a falta de compromisso das universidades, sobretudo dos cursos da área de Saúde, Educação, Justiça, Ciências Sociais etc. Diante desse cenário de criminalidade os futuros profissionais têm se omitido e convivido de forma omissa com esses crimes. Ante estas informações, o estudo cita uma pesquisa realizada pelo LACRI, com estudantes do primeiro e do último ano dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Medicina, Direito, Odontologia, Serviço Social, História e Enfermagem.

O objetivo desta pesquisa era avaliar até que ponto os estudantes estavam familiarizados com cenário que enfrentariam e a relevância que as instituições acadêmicas dão ao assunto. Foram levantadas várias questões relacionadas à temática, e constatou-se falta de propriedade e falhas nas respostas dos alunos, que ainda atribuem questões sociais às condições materiais de uma hereditariedade patológica, provavelmente ocasionada por um gene defeituoso herdado dos pais, sobre esta errônea informação debruça-se todo fracasso do indivíduo, inclusive o escolar.

Este modelo de patologia social confere ao sujeito inculpabilidade, considerando que este é um produto do meio, portanto, sofre com a pobreza a falta de cultura, a falta de estrutura familiar, o déficit cultural etc. Para alguns estudantes a miserabilidade das famílias torna-se um fator determinante para a ocorrência da violência doméstica em suas várias faces, inclusive, sexual.

Supondo que esta informação fosse verídica, poderíamos concluir que todas as famílias de baixo poder aquisitivo, estariam incluídas na triste estatística da violência doméstica, fato errôneo já que estes crimes estão imbricados em todas as camadas sociais.

No estudo foram detectadas respostas frias e perversas por parte dos alunos e futuros profissionais, já que eles demonstraram omissão e perversidade ao relevar uma situação de incesto, por exemplo. Diante destas constatações fica explícito que os crimes domésticos necessitam serem incluídos nos currículos de graduação, principalmente naqueles que estão relacionados ao contexto de amparar as vítimas.

A partir dos fatos apresentados no estudo de Azevedo e Guerra em questão, percebemos que temos um longo e árduo caminho a percorrer, para garantir que os crimes de violência doméstica sejam punidos e apurados com desvelo, em busca de um futuro, onde nenhuma pessoa se conforma nem se omite diante de barbáries, escondidas sob um manto religioso e aprovada pela instituição que deveria proteger seus entes contra esses crimes.

Precisamos garantir que os seus direitos sejam legitimamente respeitados e colocados em prática sob qualquer circunstância, tornando essa violação um crime contra a pessoa humana, dessa forma, a temática será considerada como de fato, um dos problemas mais graves do Brasil, portanto deverá ser levado às *Comissões Internacionais de Direitos Humanos* (Ibid, p. 25).

Ainda no tocante a importância desses crimes, precisamos lutar para que isto seja incorporado aos movimentos de iniciativas públicas e privadas de combate a essa atrocidade, incorporando as políticas nas diferentes esferas, cláusulas que garantam a priorização de verbas para o cumprimento de medidas preventivas e eficazes contra essas atrocidades.

Desta maneira estaremos livres de encabeçar uma notícia triste divulgada pelo *Comitê dos Direitos da Criança, da ONU*, com relação ao relatório do Brasil em cumprimento da convenção, em outubro de 2004:

Ele expressou sua preocupação com a constatação de que no Brasil não há leis que proibam essa prática usada em escolas e na família (referindo-se aos castigos). O comitê recomendou que o governo brasileiro coibisse explicitamente esse tipo de atitude e colocasse na mídia campanhas educativas para os pais falando sobre alternativas para levar disciplina à criança.

Apesar do *Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA* - ter sido aprovado em julho de 1990, pouco se fez em relação ao real cumprimento da lei, principalmente no que diz respeito à apuração e fiscalização dos crimes e a reincidência das agressões contra crianças e adolescentes. De acordo com esse documento, desde sua aprovação sob a lei nº 8.069/1990 itens elementares vêm sendo desrespeitados, o poder público tem perdido o foco central desta importante ferramenta contra esses crimes hediondos, em todo o corpo do documento vemos artigos e incisos importantíssimos, explicados de forma

concisa, porém tem se tornado palavras jogadas ao vento, para vergonha de uma sociedade que não consegue proteger aqueles que um dia deveriam ser o futuro.

É preciso, pois fazer com que os direitos e garantias legais e constitucionais assegurados às crianças e adolescentes sejam melhor conhecidos, compreendidos e acima de tudo cumpridos (DIGIÁCOMO, 2013, p.1).

Diante dos fatos aqui apresentados, concluímos que a omissão tem aumentado os casos de agressões, percebemos uma morosidade diante da apuração dos crimes, as autoridades têm se mostrado alheio às atrocidades vivenciadas pelas vítimas.

A banalização da violência doméstica contra crianças e adolescentes têm aprisionado inúmeras vidas dentro de uma trágica realidade, o descaso do poder público e o medo de denunciar os crimes por parte das vítimas, tem aumentado as tristes estatísticas de agressões e mortes dentro do seio familiar, muitas vezes os crimes são cometidos por quem deveria estar acima de qualquer suspeita, pois se tratam de familiares da própria vítima.

Para combater efetivamente esses crimes é necessário o comprometimento do poder público diante do cumprimento das leis que já existem, porém, apenas em uma realidade teórica e muito distante de um cotidiano cruel, que mergulha nossas crianças e adolescentes numa atmosfera de desafeto, onde os problemas familiares são suficientes para justificar agressões e espancamentos. Onde deveria haver carinho e compreensão, existe ódio e rancor, a vítima destes crimes correrá o risco de nunca experimentar a sensação de ser amado e acarinhado, pois sempre irá enxergar no outro, um possível traidor dos seus sentimentos.

2.6 A INDISCIPLINA NO ÂMBITO ESCOLAR

A indisciplina permeia o cenário educacional há muito tempo. Diante disto, e articulando com a pesquisa aqui apresentada, achamos necessário refletir sobre as questões que envolvem a indisciplina, visto que sua presença em sala de aula tem causado grandes transtornos a professores e alunos. Nesse sentido, buscaremos responder a alguns prováveis motivos que levam o aluno a cometer tais atos e qual a relação à relevância da indisciplina para o cenário afetivo. Para isto, refletiremos sobre os estudos de Rodrigues (2011).

Para entender algumas pertinências, vamos meditar no conceito de disciplina, proposto pela autora:

Sequência de normas que se segue para se atingir um determinado objetivo, quer seja através de treinamento adquirido, através de experiência própria ou com a participação de alguém que pode ser um professor ou disciplinador (RODRIGUES, 2011, p. 9).

Diante da concepção, entendemos que os primeiros responsáveis por encaminhar a criança nesse conjunto de regras é a família; é no seio familiar que a criança irá passar por avaliações, repreensões e afeto. Será também levado em consideração sua genética, seu contexto familiar, suas características particulares e tudo que possa influenciar seu modo comportamental.

Para nos aprofundar na ideia de disciplina e indisciplina é necessário refletir sobre o contexto sociocultural em que este aluno está inserido. Sabemos que a sociedade atual atravessa um período de grandes transformações, e que antigamente o conceito de disciplina estava ligado ao autoritarismo dos pais que impunha regras que deveriam ser seguidas à risca, sem questionar.

Ainda de acordo com a mesma, as regras de disciplina precisam ser repassadas por alguém, este precisa orientar as crianças no agir, nas normas de convivência, em atitudes de respeito e solidariedade, sendo assim, esse preceptor irá desenvolver com o aprendente uma relação de confiança. Através de suas experiências, brincadeiras, frustrações, amizades, ele elabora hipóteses que a levarão a concretizar seus objetivos.

O professor precisa despertar no aluno o interesse pelo aprendizado, e a receita para isto dar certo, parece ser um professor que se expressa não só com

a boca, mas com todo o seu corpo. Percebemos que em uma sala de aula onde o docente não assume seu lugar de professor na hierarquia da sala, a turma perde completamente o interesse pela aula e o resultado é a dissipação da turma, diante da temática proposta pelo professor.

O professor que consegue demonstrar autoridade, com sensibilidade, escutando e considerando de forma humana os interesses do aluno, sendo afetuoso, este abrirá um canal de familiaridade com o aluno, conquistando a presença do aluno de forma efetiva na sala de aula.

Sobre isto, Aquino (1998) faz referência quando diz:

Quando conseguirmos fazer com que cada criança corresponda a uma vaga numa escola, bem como condições efetivas para que lá ela permaneça (e queira permanecer) por pelo menos oito anos, algo de radicalmente revolucionário terá acontecido nesse país! (p.5).

Podemos descrever muitas razões para a indisciplina escolar, dentre tantos, o autor destaca os principais: distúrbios de ordem pessoal – psiquiátricos, neurológicos, deficiência mental, distúrbios de personalidade, distúrbios neuróticos, etapas do desenvolvimento, confusão pubertária, distúrbios normóticos, distúrbios leves de comportamento, uso de drogas; distúrbios relacionais – educativos, entre os próprios colegas, por influência de amigos, distorções de autoestima, traumas ou dificuldades de relação professor – aluno, ou, aluno - alunos. Diante das peculiaridades presentes no universo deste futuro adulto, o professor precisa elaborar estratégias para tornar a aula mais interessante, trazendo o cotidiano para dentro da sala de aula, aproximando sua vivência de assuntos meramente teóricos.

Como já citado, uma criança que apresenta problemas relacionais, ocasionados por questões familiares, traumas, baixa autoestima, falta de limites em casa e desafeto, certamente apresentará indícios de um comportamento rebelde. (AQUINO, 2003).

Sempre consideramos a família e a sociedade, como grandes responsáveis pela educação do aprendiz, em todos os seus aspectos, contudo, estamos sentindo com o passar dos anos, essa tarefa escapar por entre nossos dedos, o

resultado disto, é o que vem sendo sentido na grande maioria das escolas. A escola não deve se mostrar indiferente á tudo que vem acontecendo, é dever da instituição escolar se colocar a par deste problema e elaborar novos caminhos para atender as constantes modificações ocorridas na sociedade atual e no modelo familiar, segundo Rodrigues (2011).

Para uma melhor compreensão dos fatos, a referida autora nos convida a dar um mergulho no aspecto histórico da disciplina escolar, em outros tempos o que deveria ser enfatizado pela escola era a rigidez, nesse sentido, a criança deveria ser adestrada para se tornar dócil e incapaz de questionar qualquer atitude do professor, estes por sua vez eram considerados deuses, este padrão favorecia a sociedade burguesa da época, pois, a função principal da escola não era acolher os alunos em seus anseios, era sim, produzir operários passivos e manejáveis, prontos para atender as necessidades da crescente industrialização da época.

Regressando para nossos tempos atuais, podemos observar que ainda hoje presenciamos em nossas escolas, esse modelo de ensino, onde a disciplina é cobrada com punhos de aço, as crianças são obrigadas a ficarem horas a fio, sentadas em uma mesma posição, olhando para frente e em silêncio, as manifestações de interação, questionamentos e reflexão são terminantemente proibidas, pois é encarado erroneamente como um ato de rebeldia, isso tem contribuído para o aumento da indisciplina escolar.

A autora cita o educador Paulo Freire que nos seus escritos convoca os professores a repensar as relações interpessoais com seus alunos, buscando estabelecer laços afetivos com o aprendiz, abrindo um canal de credibilidade pautado numa prática mais humana, considerando o discente em sua totalidade e singularidade, para isso, é necessário refletir em nossas práxis, em como estamos lidando com aquele ser humano que espera tanto de um professor muitas vezes frio e indiferente aos seus anseios.

Partindo do pressuposto que o sujeito nunca chegará a sua plenitude, portanto, sempre estará aberto ao aprendizado, descobriremos um terreno fértil e amplo para partilhar nossas experiências, nesse âmbito, o canal do diálogo se torna um mecanismo infalível que nos levará a sensações e experimentos que vão além da sala de aula, sendo assim, não podemos conceber um professor incapaz de trazer consigo o acolhimento que o aluno necessita ao olhar que

busca uma atenção. A escola precisa constituir-se em um espaço de reflexão e construção, onde alunos e professores descubrem seus anseios, suas frustrações, alcançam conhecimentos, trocam experiências e aprendem a respeitar o outro, pois disto depende sua completude.

A disciplina não deve ser algo imposto, os alunos precisam entender o porquê das regras vigentes em sala de aula, a aula necessita ser construída numa atmosfera de prazer, desse modo, será gratificante estar naquele espaço, o aspecto disciplinar consiste em traçar um plano para tornar o aluno reflexivo e autônomo, deste modo, estar no ambiente escolar será uma escolha do próprio aluno. Sendo assim, a relação entre professor – aluno, é primordial para o aprendizado, então o processo disciplinar torna-se uma conquista do aluno, quando este encontra com seu intelecto libertário.

Ao contrário do que pensamos quando lemos a palavra inicialmente, *disciplina*, não está ligada, ou não deveria estar ligado a algo tenebroso e autoritário, o termo deveria estar associado à clareza, flexibilidade e consciência. O espaço escolar deve promover a disciplina como algo necessário a boa convivência, isto deve ser compreendido e vivenciado pelos alunos, mesmo que ao longo do caminho tenhamos sido desafiados por alunos considerados problemáticos, o professor precisa apostar também nesses desafios, acreditar que sempre há possibilidades de mudanças.

A realidade educacional precisa ser repensada e reorganizada, voltando sua prática para a interação entre todos que fazem parte do processo educativo, desta forma, as divergências não serão vistas como um ato de insubordinação, mas sim como uma oportunidade de expressar suas inquietações, onde todos buscam uma escola inovadora e transformadora, preparada para os conflitos de uma sociedade que está em constante modificação.

Neste sentido, ressaltamos a importância de encarar o trabalho pedagógico de forma prazerosa e sincera, encarando os problemas de frente, agindo de forma honesta e verdadeira, tornando nosso aluno um parceiro na busca pelo conhecimento, conforme o que Aquino (1998) expõe sobre isso:

A sala de aula, que é o contexto privilegiado para o trabalho, o microcosmo concreto onde a educação escolar acontece de fato. É lá também que os conflitos precisam ser administrados, gerenciados. É lá, e apenas lá, que se equacionam os obstáculos e que se atinge uma possível excelência profissional (p.16).

Enfim, a problemática em torno das questões disciplinares é muito mais profunda do que imaginamos. Vários aspectos precisam ser levados em consideração quando nos propomos a entender o tema, desde problemas emocionais e de ordem familiar, até inquietações por discordâncias na rotina escolar. Os alunos no atual contexto, tem mostrado aos professores, que o momento é de transformações. É de crucial importância rever os conceitos sobre nossa práxis, precisamos entender que, para alcançar a parceria e respeito de nossos alunos, devemos agir com comprometimento e afetividade naquilo que fazemos.

2.7 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO VOLTADA PARA O AFETO

Observando as muitas adversidades que perpassam a prática pedagógica entendemos que o professor precisa colocar como prioridade em sua práxis, a articulação com um bom embasamento teórico, do contrário, este profissional não conseguirá enfrentar os dilemas que se apresentam no cotidiano escolar. Diante disto, inferimos que esse respaldo científico precisa vir de sua formação, que deve ser completa e baseada nos ideais de profissionalismo deste docente. Esse é um ponto que todos devem concordar. Contudo levantamos uma questão: até que ponto a formação do professor precisa levar em conta as relações interpessoais entre ele e seu aluno? E como o afeto, algo tão humano, está relacionado à fundamentação teórica deste profissional? Freire (2011) argumenta:

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar (p.18).

Podemos refletir, a partir dessa citação, que a ética é inseparável da prática educativa que se reflete nas ações dos professores em sala de aula. Respeitar o outro, isto é, o aluno, significa compromisso com a preparação da aula, com o fazer bem feito o que se propõe realizar, é aprender com suas experiências. Preparar-se cientificamente e não exercer a ética demonstra o pouco caso com a profissão de professor. Ele tem a responsabilidade de demonstrar claramente suas atitudes éticas no exercício profissional.

Sabemos que muitas são as atribuições do professor e isso não se restringe ao universo pedagógico, o docente ou a docente precisa se ver como alguém que possibilitará ao sujeito se descobrir e construir seus próprios conceitos e sua ideia de mundo. Paulo Freire descreve isto em seu livro, quando afirma que o docente deve ainda em sua formação perceber que o aluno não o verá como uma caixa que contém todos os conhecimentos, e sim como alguém que irá partilhar experiências, trocar ideias, colecionar frustrações e derrubar conceitos, nessa dualidade, o formador muitas vezes torna-se formando, e o formando torna-se formador.

É desse pressuposto que partimos para entender porque é importante que o docente volte sua prática para uma relação de afeto com o aprendiz, visto que a parceria existente entre ambos precisa ser embasada numa atmosfera de colaboração, pois os dois sujeitos devem estar envolvidos nessa busca inacabada e criativa pelo conhecimento. Se formos analisar o significado da palavra, entenderemos que afeto, significa muito mais que apego e que sua nomenclatura está também conectada ao relacionamento, à ligação.

O que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando coragem (Ibid. p.45).

Nessa perspectiva de cooperação, o exercício do ensino, toma proporções que vão além do aspecto técnico, os laços vão se estreitar, pois se tornará prazeroso aprender, não podemos conceber uma prática docente que visa puramente à transferência de informações, pois não estamos lidando com máquinas e sim com pessoas, possuidoras de emoções, que questionam, erram, acertam, sorriem, choram, elaboram novas ideias, isso é a boniteza do conhecimento. Freire ressalta que o ensino dos conteúdos não pode ser alheio ao caráter formador do sujeito.

O autor nos leva a pensar que para existir uma prática docente baseada na honestidade e no respeito ao outro, o professor precisa vivenciar aquilo que prega seu discurso não pode estar desarticulado com a sua prática, isto enfraquecerá o relacionamento com o aluno, pois nesse vínculo precisa haver confiança. O que dizer de um professor, que apresenta duas posições sobre um mesmo assunto? É necessário que o aluno reconheça no seu professor um parâmetro de conduta a ser lembrado, no que se refere à autenticidade.

Outro ponto crucial apontado por ele, é a habilidade que o docente deve ter em acolher o novo, despindo-se de qualquer forma de preconceito, respeitando o diferente e toda forma de expressão, religiosidade, raça, gênero e posição social, sem humilhar e denegrir, mesmo que suas opiniões sejam contrárias, esta é a verdadeira democracia. Como posso falar sobre o preconceito e a desigualdade presente na sociedade, se sou incapaz de nutrir um sentimento de afeto por aquele que vive a mercê dos desmandos de uma comunidade que rotula e insulta o incomum. O professor não pode distanciar-se de seus princípios, tornando-se apenas um reproduzidor de estigmas, ou uma casca vazia que copia e coleciona preconceitos, este profissional precisa incorporar o seu discurso, viver o que fala, desafiando seus alunos á abraçar sua causa. Por entender a autenticidade daquele legado, o aluno irá refletir e partilhar aquele ideal.

Ainda nos alerta, também, sobre a importância do educador considerar o aluno em sua totalidade, respeitando suas limitações, particularidades e curiosidades inerentes àquele que quer aprender e apropria-se desse direito, o quão importante se torna um simples gesto do professor. Ele frisa este detalhe quando declara: “O que pode um simples gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo” (Ibid. p.43).

Em vários momentos do nosso cotidiano escolar, podemos considerar essa inquietude como um ato de indisciplina, quando deveríamos incentivar esses questionamentos que mais tarde deverão transformar-se em aprendizado. O educador que trata o aluno com autoritarismo sem a devida sensibilidade que deveria ser própria daquele que tem a missão de formar, certamente irá bloquear a vontade que o educando tem de alcançar e conhecer o novo, este conhecimento certamente trará liberdade e, por conseguinte, reflexão e autonomia.

Um dos pontos que consideramos mais pertinentes da prática pedagógica e ao mesmo tempo articulando com o tema de nossa pesquisa, o autor diz que ensinar exige alegria e esperança, estas duas, podemos dizer que andam juntinhas com o afeto, visto que são importantes emoções da alma humana. Ele mostra que a alegria deve ser constante na atividade docente, mesmo que tudo ao redor contribua para um estado de tristeza. A esperança por sua vez, está ligada ao propósito de entregarem-se aos desafios propostos no cotidiano escolar, representados através das frustrações, inquietações, anseios, através dela nos tornamos aprendizes ou mestres, todos com um mesmo rumo, ousar reinventar-se a cada momento.

A escola, na pessoa do professor precisa fomentar a ideia de intervir em realidades negativas, sem neutralidade ocupando seu lugar ideológico de transformador, motivando seus aprendizes a mudarem situações de miséria que estão acontecendo rotineiramente e sendo encaradas como algo natural. O autor salienta a importância da escola não apenas estar presente diante destes percalços, agindo como se o problema estivesse distante dela, com impotência, é necessário agir, buscando formas de mediar estes conflitos.

O professor só terá essa consciência transformadora e solidária, tendo uma postura afetiva em relação aos problemas vivenciados pelo seu aluno. Ele diz que:

O clima de respeito que nasce das relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico (Ibid.p.90).

Enfim, devemos lembrar que o professor precisa ter como ponto primordial de sua docência, uma atitude ética e comprometida com seu discurso, considerando os interesses dos seus alunos, não negligenciando seu preparo teórico, porém, lembrando-se de seu papel como mediador e facilitador, sempre propondo desafios junto ao alunado, mas nunca esquecendo o seu lado afável, visto que, seu público constitui-se em pessoas, portanto dotados de emoções que vão desde o êxtase da vitória até a frustração do fracasso, sendo assim, necessitam de compreensão e afeto.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Com a finalidade de atingirmos os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa descritiva, partindo de uma breve revisão bibliográfica para evidenciar alguns conceitos a fim de fundamentar teoricamente o trabalho. Esse tipo de pesquisa descritiva é considerado uma atividade de cunho científico que permite aproximação estreita entre o objeto a ser estudado e o pesquisador, possibilitando várias ações: observar, registrar, classificar e analisar todos os elementos importantes, sem qualquer interferência nos resultados.

Os procedimentos para a abordagem direta e coleta de dados, foram: o questionário para os professores e entrevista para os alunos. Os dois instrumentos constaram de perguntas fechadas e abertas. O primeiro com quinze e o segundo com cinco perguntas. A abordagem dos sujeitos da pesquisa para a aplicação do questionário e da entrevista, foi através da ação direta e pessoal das pesquisadoras.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17).

A técnica empregada justifica-se pela proximidade com os sujeitos envolvidos na pesquisa, possibilitando a amplitude do campo de investigação, dessa forma, podemos manter diálogo com o elemento pesquisado. Esse tipo de abordagem permite conhecer de perto a realidade da sala, os anseios e desafios vivenciados no cotidiano escolar.

Ao analisar as respostas dos professores, do ponto de vista das emoções, podemos entender um pouco o efeito das múltiplas situações envolvendo o aspecto emocional que se passa no cenário educacional, e perceber como isso afeta a prática deles, no cenário pedagógico.

Para enriquecer esta interlocução, tivemos o aporte de autores como: Vigotsky (1994), Wallon (2005), Saltini (2008), Cunha (2012), Saviani (2008), Freire (2011), Gonsalves (2015), Damásio (2013), Rodrigues (2011), Aquino

(1998), Azevedo e Guerra (2006). Com os questionários dos professores respondidos e a transcrição das entrevistas com as crianças, foi realizada a fase seguinte, que foi designada de leitura dos dados coletados, para posterior análise à luz dos autores mencionados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Comendador Cícero Leite, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, situada na Av. Goiana, nº 125, Bairro Planalto Boa Esperança. A escolha da escola municipal ocorreu pelo fato de se observar que algumas questões se mostravam como entraves na relação professor-aluno e isto tem se tornado um empecilho para uma prática pedagógica cuja presença da afetividade se evidencia efetivamente. Na instituição pública, o atendimento é feito em sua grande maioria a pessoas de baixa renda e grande parte apresenta apenas o ensino básico. No Projeto Político Pedagógico - PPP - da escola citada, encontramos diversos teóricos que sustentam a importância do afeto nas relações interpessoais entre o aluno e o professor, tais como: Vigotsky, Piaget, Wallon, entre outros. O documento referencial da escola, também concede a devida importância ao processo de inclusão dos alunos com deficiência, para isso, encontramos uma sala do Atendimento Educacional Especializado - AEE onde a profissional desenvolve atividades que dão suporte aos professores, desenvolvendo estratégias para que essas crianças alcancem um aprendizado mais consistente.

A instituição possui dez salas de aula, onde funcionam pela manhã os anos iniciais do ensino fundamental e a tarde os anos finais. A média de alunos por sala, varia de 22 alunos nos primeiros anos e 44 alunos do quinto ano em diante. Ao todo, a escola mantém cerca de 800 alunos nos três turnos, sendo que a noite funciona a Educação de Jovens e Adultos - EJA - com o ciclo I. A filosofia da escola se baseia no verdadeiro acolhimento, para isso, exercita a gestão democrática para gerir seu bom funcionamento, a instituição também apresenta como parte de seus ambientes: um refeitório, uma sala de vídeo, diretoria, sala dos professores, secretaria, sala de especialistas e duas salas que funcionam o

programa do Governo Federal, “*Mais Educação*”, onde os alunos participam de oficinas e recebem reforço escolar. Apesar de possuir uma estrutura aquém de suas necessidades, a escola oferece também atividades de educação física com os alunos, música, banda marcial e o programa “*Escola Aberta*” aos sábados.

O trabalho desenvolvido não pretendeu discriminar a situação financeira e instrucional das pessoas envolvidas e, sim, analisar qual a importância do relacionamento dos profissionais com seus alunos e pesquisar se de fato esse vínculo interfere no cotidiano escolar e em que ponto do aprendizado eles aparecem como aspecto positivo ou negativo, sob o ponto de vista afetivo, no convívio da instituição em questão.

Sobre o assunto, Saltini (2008), enfatiza que:

As escolas precisam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuroses por não entenderem de sonhos, de fantasias, de símbolos e de sofrimento (p.16).

Os seres humanos são os únicos dotados da capacidade de pensar e por isso tem a oportunidade de conhecer, entender e melhorar a realidade. O ato de pensar deve ser conduzido com base no afeto que terá maiores chances de provocar reações positivas entre todos os participantes da comunidade escolar.

Para realizar o estudo foram providenciadas as devidas autorizações por parte da instituição de ensino, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB - bem como a aprovação e comprometimento do professor orientador com o projeto, observando os canais cabíveis para a concretização deste estudo.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A maioria das professoras que participaram da pesquisa apresentam formação superior em Pedagogia, sendo que duas tem Especialização em Psicopedagogia, uma delas ainda está cursando, outra tem o Magistério e está cursando o nível superior em Pedagogia, contudo, uma delas possui formação superior em História e também o Magistério. Duas delas têm entre 6 e 8 anos de tempo de serviço no exercício do magistério e três têm entre vinte e três e trinta

e quatro anos de experiência. Com relação à formação docente, observamos que uma delas não possui o curso de Pedagogia e este aspecto revela uma realidade recorrente em algumas escolas: a existência de algumas professoras que estão em sala de aula exercendo o papel de pedagoga, porém possuem graduação em outros cursos, isto em alguns casos torna-se um problema, pois estes, não terão em sua formação disciplinas que são específicas para o pedagogo e que representam uma grande importância para a prática pedagógica.

A grade curricular de Pedagogia está voltada para as várias perspectivas que circundam o cenário educacional, por isso, aquele profissional graduado em outra área em alguns casos poderá apresentar uma defasagem em sua prática, pois não terá o embasamento teórico para enfrentar os desafios que se apresentam em sala de aula, por este motivo, vemos vários professores com dificuldades diante de situações que necessitam de um aporte teórico específico.

Por outro lado, entende-se que um profissional diplomado em outro curso, deve também pesquisar e inteirar-se sobre as questões que irão circundar sua prática, isto fará a diferença no seu papel como mediador e formador do aluno. No que diz respeito a esta questão, faz-se necessário que qualquer profissional busque aprimorar seus conhecimentos, tornando-se um professor reflexivo, pesquisador e aberto a novos conhecimentos.

A pesquisa respeitou a individualidade de cada sujeito envolvido, bem como o ponto de vista do mesmo, para tanto fizemos com que a pesquisa se desse em uma atmosfera de respeito e liberdade de expressão. Foram observadas a veracidade das respostas e a sinceridade intrínseca em cada uma delas. Com relação aos alunos fizemos perguntas que contemplavam sua maturidade, respeitando o nível e os limites de cada um, tiveram autonomia para responder como preferiram e também foram observados de maneira discreta e sob a orientação do professor, a familiaridade existente no ambiente escolar.

Os professores foram convidados a participar da pesquisa, cedendo suas informações e concordando com as cláusulas presentes na referida concessão. Os pais dos alunos foram consultados através de um termo de autorização, conforme segue nos anexos e prontamente aceitaram que seus filhos contribuíssem de forma voluntária, fornecendo as informações aqui

apresentadas, podendo estas serem usadas como fonte de pesquisa para trabalhos vindouros.

3.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

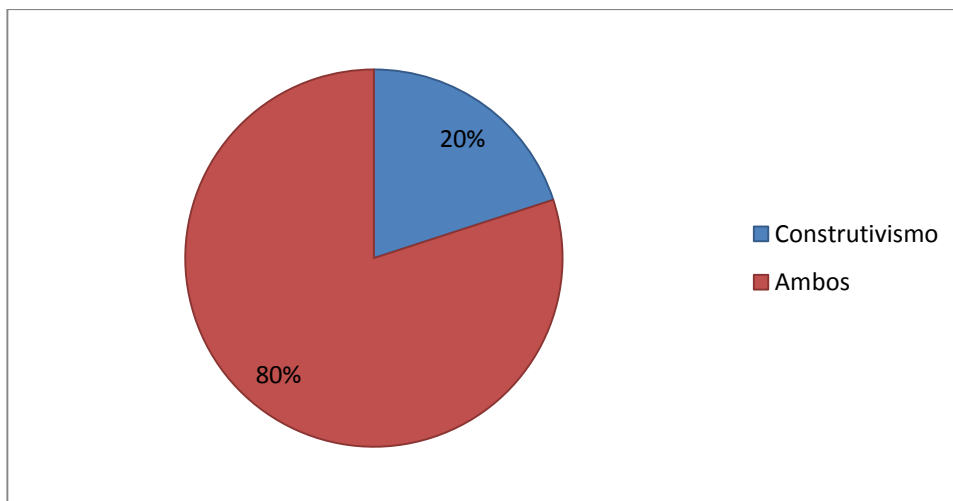
Esse tópico tem por objetivo detalhar, organizar e analisar os dados coletados na pesquisa, a fim de responder ao objetivo proposto. Abordaremos na primeira parte as respostas do questionário aplicado com as professoras representadas graficamente e na segunda parte, as entrevistas feitas com os alunos.

Aplicados os questionários com os professores, após informar o objetivo de tal procedimento, passamos a dar um tratamento estatístico para melhor organizar a análise dos dados. Foram representados em nove gráficos as perguntas objetivas e as perguntas subjetivas que foram três em texto corrido.

A primeira pergunta consistia na busca pela informação sobre o modelo de ensino adotado pela escola. O resultado está demonstrado no Gráfico 1 abaixo, refere-se aos modelos de ensino, o modelo tradicional e o modelo construtivista.

O modelo de ensino está ligado com a metodologia do professor, com isso influencia com o tipo de relação que o professor tem com o aluno e vice e versa. Com sabemos o ensino tradicional é mais centrado no professor e o construtivista propõe que o aluno participe do seu aprendizado.

Gráfico 1- Modelo de Ensino



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

O modelo de ensino utilizado pela instituição mostra que a maior parte dos professores, 80% utiliza-se de ambos os modelos, tanto o tradicional como o construtivista e que apenas 20% utiliza o construtivismo como principal modelo de ensino.

Sendo a escola um local privilegiado para a aquisição do saber e da efetivação da socialização, o método de ensino é fundamental para que ocorram estes dois momentos. Entendemos que mais importante que o método, é o ambiente escolar que deve ser acolhedor para o aluno receber ou construir os conhecimentos pertinentes ao período de escolarização.

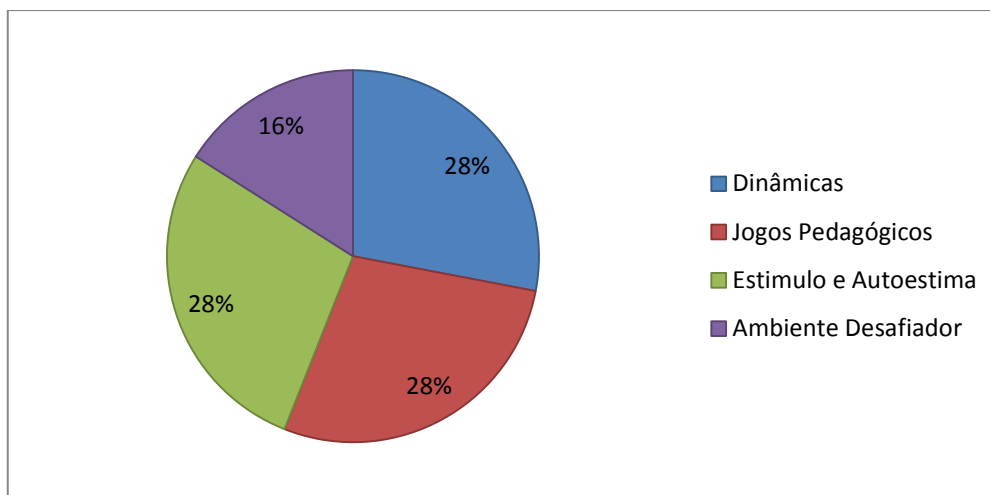
A escola que permite ao professor mesclar seu ensino com a articulação do tradicional com o construtivismo, concorre para que sejam dadas oportunidades de um crescimento em todas as áreas e não só na cognitiva. Os procedimentos de ensino, numa perspectiva tradicional, limitam a interação entre o professor e aluno trazendo como consequência, a manutenção do que já existe. No entanto, quando a escola se preocupa com o desenvolvimento integral da criança, ajuda-a a aprender em todos os sentidos trabalhando o desenvolvimento das habilidades sociais, pessoais, atitudes e valores, sendo o construtivismo a via mais provável para que tudo isso aconteça.

Diante do exposto, podemos perceber o quanto é importante a relação entre o professor e o aluno no processo de ensino e aprendizagem, onde o modelo de ensino pode vir a concorrer para que a aprendizagem aconteça com maior ou menor fluidez. Em conversas com as professoras, demonstraram que ambos os modelos apresentam-se como possibilidades na instituição, mesmo com as suas diferentes características. Percebemos também que acreditam que a grande diferença está na maneira como o ensino é passado, e cabe ao professor descobrir qual dos modelos de ensino é o melhor para seus alunos, sabendo que o seu agir e a sua ação vai interferir de forma positiva ou negativa na vida deles.

Os dados demonstrados no Gráfico 2, se referem às fontes de estímulo para o desenvolvimento da aprendizagem. Quando falamos sobre a aprendizagem, devemos lembrar ela vai além da simples absorção de novas palavras, novos conceitos. Ela deve ser concebida como um fator de formação integral dos alunos através de mudanças que devem ocorrer em quem aprende.

Dentro das funções do professor, ressaltamos que além de ensinar conteúdos, cabe a ele ser o mediador do desenvolvimento de crianças que estão à espera de oportunidades para crescer de acordo com seus limites e singularidades.

Gráfico 2 - Estímulo ao Desenvolvimento da Aprendizagem



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Analisando o gráfico, vemos que ele mostra como os professores estimulam o desenvolvimento do aluno para uma aprendizagem positiva, através de Dinâmicas, Jogos Pedagógicos, Estímulo à Autoestima que obtiveram a mesma porcentagem, 28%, e que 16% estimula através de um Ambiente Desafiador.

As ações produzidas pelos professores trazem grandes benefícios para aprendizagem do aluno, incentivar e estimular o seu desenvolvimento os torna um ser crítico, incentivar de diversas maneiras promovendo auxílios como a estimulação para superar a dificuldade cognitiva, afetiva, social e emocional que o aluno tem, vai contribuir beneficentemente para o seu desenvolvimento tanto no meio em que vive como também em sala de aula.

Sobre o assunto, Zanata (2014) afirma:

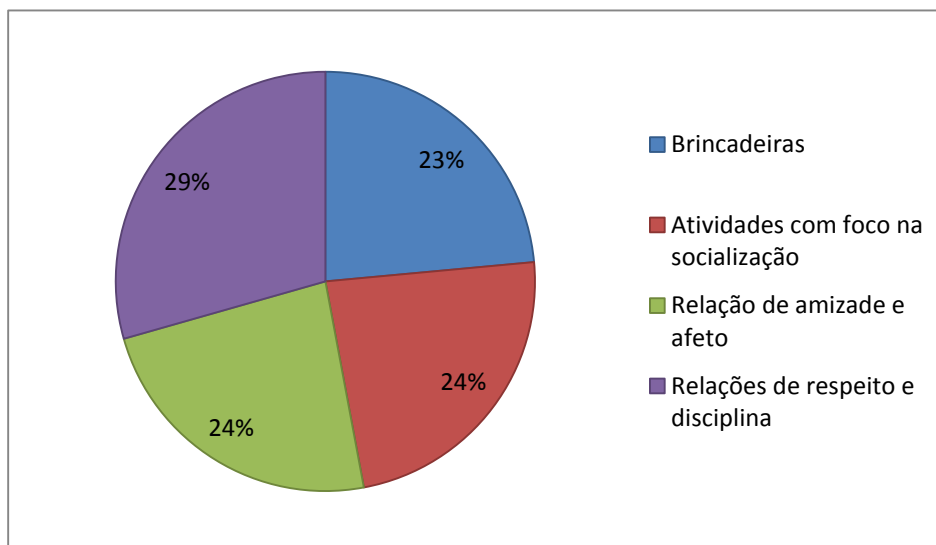
[...] a aprendizagem está intimamente ligada aos estímulos enviados ao cérebro humano e depende destes para ativar o raciocínio e a assimilação. O trabalho do professor estaria não na motivação do aluno, mas na sua estimulação ou incentivo. Apenas se estimularia o educando de tal forma que fizesse aumentar sua motivação pelos conteúdos trabalhados tanto em sala de aula como fora da mesma mediante a pesquisa (p. 4).

A estimulação deve ser diária para que a criança consiga assimilar o conhecimento, através desses cinco estímulos citados no questionário: as dinâmicas, os jogos pedagógicos, ambiente desafiador, estímulos e autoestima, haverá uma aprendizagem através do concreto, com erros, acertos, o tentar e fazer, criando possibilidades.

Todos esses meios de estimulação são bastante importantes para aprendizagem de crianças em fase escolar, pois é um meio facilitador para aquisição do aprendizado, através de laços afetivos e cognitivos. Toda a sala de aula irá querer participar de jogos e os que são mais tímidos poderão ter um meio para interagir. Com os jogos, precisa-se de socialização, interação, ajuda do outro e o desenvolvimento cognitivo para aprender a jogar e se sair bem. Com isso, o aluno está sendo estimulado a conviver socialmente, a buscar respostas, saber ganhar ou perder, ter limites e a respeitar o outro, e passa a ter uma aprendizagem prazerosa, divertida e lúdica.

Ao coletar dados referentes às formas de interação promovidas pela escola visando a aproximação dos professores com os alunos e vice-versa, nos acostamos ao pensamento de autores que afirmam ser a escola o espaço ideal para a criança se desenvolver em todos os sentidos, principalmente quando ela é de tempo integral, pois o aluno passa mais tempo ativo nesse ambiente do que no ambiente doméstico. Assim sendo, a educação que é oferecida na escola, deve ir além dos conteúdos preestabelecidos, oportunizando várias maneiras para que o principal protagonista do processo de ensino e aprendizagem, o aluno, possa ter momentos em que envolva o desenvolvimento de todas as suas capacidades, principalmente as que o faça ter o conhecimento de si mesmo e o do mundo do qual faz parte. No Gráfico 3, as formas de interação promovidas pela escola através da ação das professoras, refletem que elas foram preparadas e organizadas no sentido de atender às características individuais de cada um, com brincadeiras adequadas e outras atividades que envolvam a afetividade.

Gráfico 3 - Formas de Interação Promovidas pela Escola



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Vemos no gráfico acima, que 23 % das professoras promovem brincadeiras para que ocorra a interação com seus alunos, 24% disseram que realizam atividades com foco na socialização, 24% que dão oportunidade de estreitamento das relações de amizade e afeto e, por fim, 29% não descuidam de atividades que imprimam, relações de respeito e disciplina.

Percebemos que a interação na escola tanto agrega como constrói conhecimento nos alunos, com brincadeiras, atividades em grupo, relações de afeto, amizade, respeito e disciplina que refletem a forma como o professor expressa suas intenções e valores os quais irão afetar cada um coletivamente e individualmente.

Vygotsky (2007 apud CUNHA 2012) diz que:

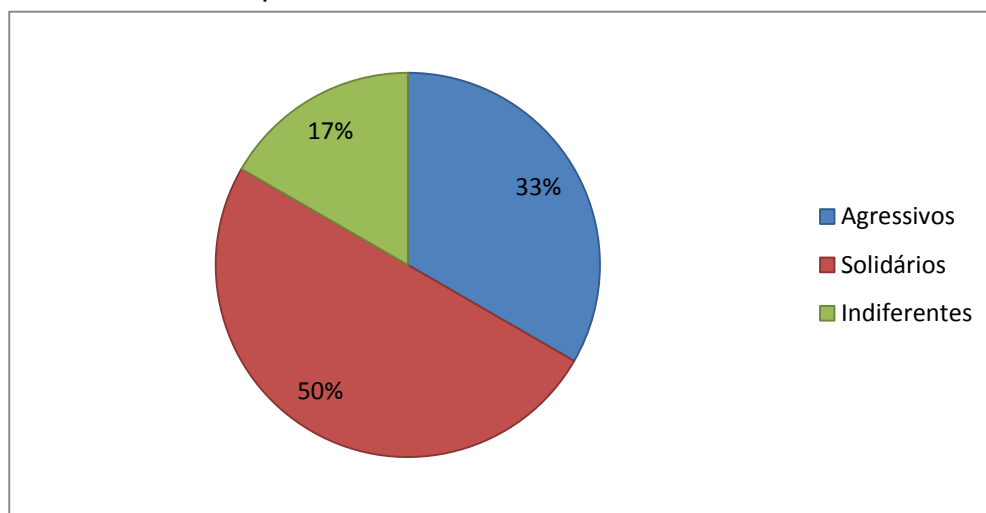
No brincar, a criança projeta atividades adultas da sua cultura, que pressupõem seus futuros valores. A socialização, mediante a instrução escolar, cria a zona de desenvolvimento proximal que é a distância entre o que a criança é capaz de realizar de forma autônoma e o que ela faz em colaboração com os outros. É na escola que o aprendiz começa a adquirir as habilidades necessárias para sua autonomia e participação social (p.40).

Com a interação presente em sala de aula o professor naturalmente deixa de ser visto como o único que detém o saber “sem ter seu papel diminuído”,

abrindo espaço para dar voz ao aluno, passando a ter um convívio melhor na sala de aula, permitindo um relacionamento estabelecido entre a amizade e o respeito, desenvolvendo no professor o papel principal que é a mediação de afeto proporcionando a aprendizagem de forma qualitativa.

Ao serem perguntadas sobre quais os comportamentos dos alunos demonstrados em sala de aula, temos no Gráfico 4 a representatividade das respostas.

Gráfico 4 - Comportamento dos Alunos em Sala de Aula



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

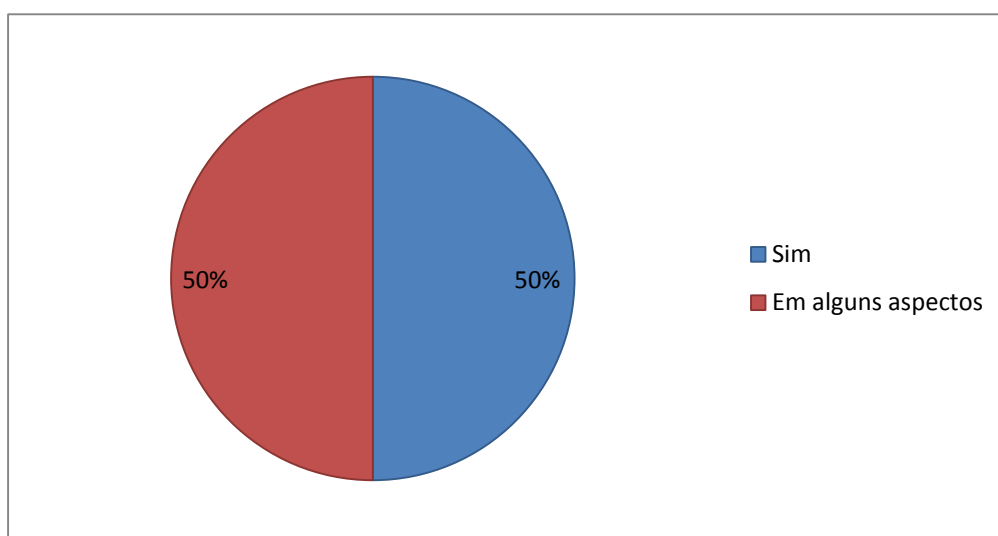
Através das respostas das professoras, encontramos o registro dos seguintes comportamentos em sala de aula, com relação ao cenário afetivo, social e psicológico: 33% foram categorizados como agressivos, 50% como solidários e 17% como indiferentes. Isso se configura como positivo, porque vemos que metade dos alunos são solidários e se importam com o outro e com o professor. O índice de agressivos 33% e indiferentes 17% mostram o quanto esses alunos precisam de um olhar com mais atenção, buscando ver na emoção deles o que está se passando para que isso se reflita no seu comportamento. Conhecer sua procedência, onde mora, quem é a família, é fundamental, porque costumeiramente lares desestruturados geram crianças agressivas devido a carência afetiva.

A ação educativa do professor precisa ser sensível, para poder compreender as emoções dos alunos, tanto as positivas como as negativas e encontrar um meio de ajudá-los. Quando eles estão em sala de aula, sua mente acompanha seu envolvimento emocional. Muitos trazem problemas pessoais e

familiares, que os fazem tornarem-se agressivos e indiferentes. Mas se o professor afetivo evidenciar as emoções negativas, precisa investigar as causas de tais comportamentos e reinventar a relação que deve ter com eles para que se possa canalizar os aspectos negativos em direção dos positivos.

Ao ser perguntado às professoras se a escola oferecia todas as condições necessárias para que a criança se sinta segura e protegida, fora do seio familiar, obtivemos respostas positivas, embora não unânimes, como demonstra o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Condições de Segurança e Proteção na Escola



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Como podemos observar no gráfico, estão colocadas as respostas sobre as condições que a escola oferece aos alunos fora do seio familiar, onde 50% dos professores afirmaram que sim, que oferece condições para que as crianças se sintam seguras e protegidas e os outros 50% que sim, mas em alguns aspectos.

Como podemos ver, não só o professor está ligado ao processo de ensino e aprendizagem do aluno, e sim a escola como um todo. A ação pedagógica de todos os que fazem parte dela vem a ser uma ponte entre a disseminação do saber, e o bem-estar num ambiente que inspire situações em que os alunos se sintam acolhidos, fazendo eles entenderem que aquele meio está seguro e protegido como se estivesse em casa e, a partir dessa abordagem, eles irão se sentir seguros e confiantes para frequentar a escola.

Na educação, a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando o valor da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimentos por meio do afeto (CUNHA 2012, p.30)

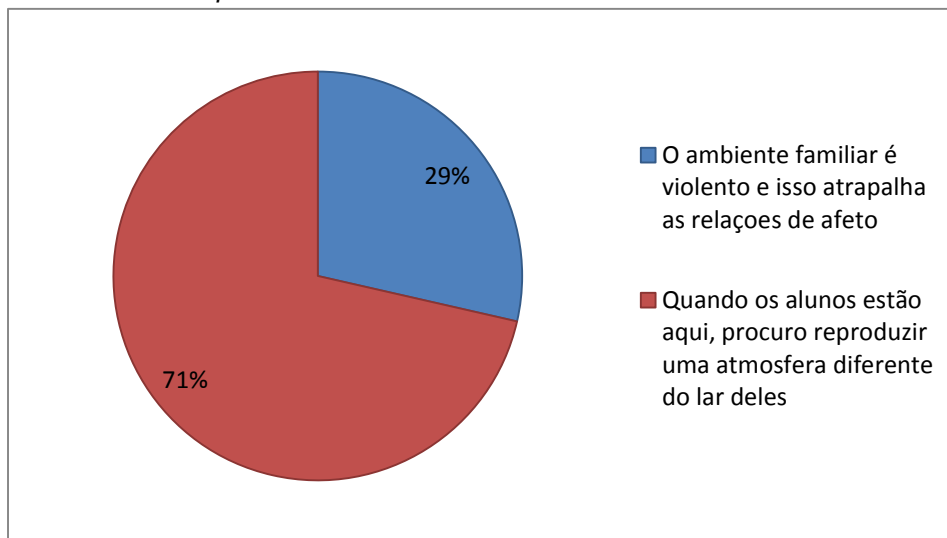
A escola deve oferecer um ambiente sadio, bem estruturado, afetuoso e acolhedor, criando mudanças, incluindo em seu processo educativo a relação que o afeto tem com o ensino e aprendizagem, que muitas vezes é excluído de forma pragmática.

Ao perguntarmos sobre o contexto social em que os alunos vivem e como o ambiente influencia no comportamento deles com relação ao afeto, encontramos a representatividade de 71 % dos professores que marcaram no questionário a opção “quando os alunos estão aqui, procuro reproduzir uma atmosfera diferente da atmosfera do lar deles” e 29% que marcaram a opção “o ambiente familiar é violento e isso atrapalha as relações de afeto”, conforme está demonstrado no Gráfico 6.

Analisando o gráfico, inferimos que ao reproduzir uma atmosfera diferente do lar dos alunos, o planejamento das aulas se faz muito mais cuidadoso, procurando adotar procedimentos que tornem as aulas prazerosas e harmoniosas contrastando com o cenário de violência e desamor doméstico. Certamente que essas professoras têm o apoio de toda a comunidade escolar, pois o trabalho realizado isoladamente não surte o efeito esperado, que é a ocorrência da aprendizagem num clima agradável, diferente daquele em que os alunos estão habituados ao sair da escola de volta para sua casa.

Gráfico 6 - Contexto Familiar dos Alunos

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.



Observando mais acuradamente o gráfico acima, e refletindo sobre as respostas, fica implícita a situação de vulnerabilidade de algumas crianças, implicando em que se faz necessário transformar a vivência delas em algo mais brando, pois quando as respostas sustentam a violência como um problema que persiste em atrapalhar o comportamento delas durante as aulas, podemos perceber os indícios quando elas demonstram ansiedade, carência, violência e frieza em relação ao sentimento dos outros, individualismo e até sarcasmo, reproduzindo exatamente aquilo que vivenciam em casa.

Diante das leituras e estudos que realizamos, entendemos que o lar deve ser embasado numa atmosfera harmoniosa, ancorada na confiança, no respeito e no afeto, onde a criança se sentirá segura e pronta para relacionar-se de forma sadia com outras pessoas. Se a situação for contrária, ela terá sérias dificuldades em compartilhar atitudes de afeto e generosidade, seu convívio social será desastroso. Não há maneira de exigir uma postura afetiva de alguém que só recebe agressões e indiferença. Uma família que não acolhe, certamente produzirá crianças acuadas, assustadas, que sempre verão no outro um provável agressor. Sem contar com algumas situações críticas em que professores evitam chamar os pais à escola numa situação de indisciplina, por ter certeza que elas sofrerão violência em casa.

Para contornar esta situação, os professores precisam construir em sala de aula um cenário diferente daquele que a criança está acostumada a enfrentar. Muitas vezes quando chegam à escola, os alunos se agarram à figura do

professor, como se tivesse uma segunda chance, e como se a escola fosse sua segunda família, quando esta deveria trabalhar em parceria com a instituição escolar. Correntemente, os professores não notam o quão é importante aquele abraço e aquele “bom dia” dado logo cedinho, ou apenas aquele despretenso e carinhoso olhar, notar algo diferente no cabelo ou no fardamento, um elogio, qualquer um desses detalhes, que podem parecer pequenos, mas para quem está acostumado apenas com a indiferença e a falta de afeto familiar, tornam-se grandes expressões de ternura (FREIRE, 2011).

Ainda segundo o autor, o professor não pode dissociar sua prática pedagógica do seu caráter formador, pois o que faz em sala de aula deve ultrapassar os muros da escola e deixar de ser um mero transmissor de informações, mas aproveitar todos os momentos para partilhar a experiência do aprendizado de forma prazerosa, sem desconhecer o mundo real de cada aluno. Em não acontecendo isto, um professor frio e autoritário terá, como consequência, alunos distantes e desinteressados. Isto acontece porque a escola dará continuidade ao cenário de desamor presente na sua estrutura familiar.

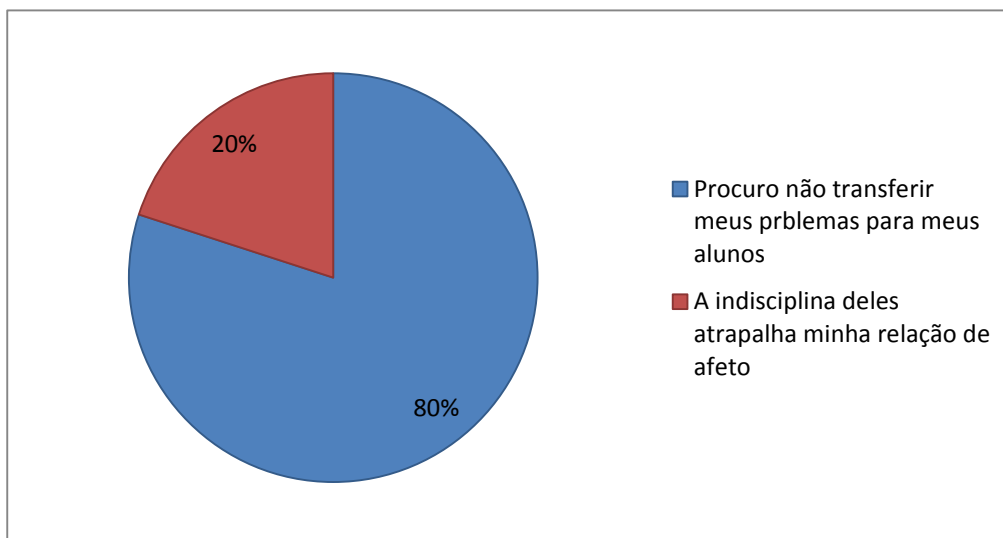
O professor precisa ter a sensibilidade para perceber quando o aluno está demonstrando que algo não vai bem. O professor autoritário sempre terá um distanciamento com o aprendiz, nunca conseguirá manter um canal de confiança com ele e, por consequência, a aprendizagem será algo distante e enfadonho (RODRIGUES, 2011).

Então, diante disto, refletindo nas respostas apresentadas pelas professoras, e observando o aporte dado pelos autores, vemos que o afeto é extremamente importante no processo de ensino e aprendizagem, pois é através das relações afetivas que o professor acolhe o aluno e constrói laços de confiança despertando nele a vontade de aprender, mesmo que as condições sociais no seu lar não contribuam para isso. Um professor comprometido com o aluno e com sua prática, levará para as aulas um clima de respeito e afeto, onde as relações interpessoais irão preparar o terreno para enfrentar os desafios encontrados no cenário educacional.

A questão seguinte se referiu aos obstáculos que impediriam uma relação mais afetuosa entre o professor e seus alunos. O Gráfico 7 nos mostra que 80% dos professores marcaram a opção “procuro não transferir meus problemas para

meus alunos”, enquanto 20% marcaram “a indisciplina deles atrapalha minha relação de afeto”.

Gráfico 7- Obstáculos nas Relações de Afeto: Professor/Aluno



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Considerando o gráfico acima, e refletindo sobre os educadores e teóricos consultados, notamos que as professoras em questão, no primeiro caso, procuram separar os problemas pessoais de sua prática pedagógica, com o entendimento de que precisa atuar em sua profissão de forma ética, e isto significa que os dilemas da minha vida particular não devem estar relacionados com a ligação professoral que se tem com os alunos. O professor que traz para dentro da sala de aula os transtornos de sua vida pessoal, conseqüentemente agirá de forma fria e grosseira, atrapalhando assim sua relação de afeto com o aluno (RODRIGUES, 2011).

Durante o exercício no cotidiano escolar, vários desafios acontecem, e todos ao mesmo tempo. Nesse momento de alvoroço, o professor precisa ter atenção exclusiva às necessidades dos alunos, do contrário, perderá o foco, desmerecendo assim o momento da aprendizagem. Essa ocasião deve ser configurada como uma oportunidade de troca de experiências, diálogo sobre um mesmo objetivo, busca do aprendizado, tudo isto imerso em um clima de afeto, para que o aluno desenvolva relações de credibilidade junto ao professor.

Na atmosfera escolar, o aluno reconhece quando o professor se encontra com algum problema, ele nota quando alguma adversidade está minando o

entusiasmo. Nessas ocasiões não adianta agir como se nada estivesse acontecendo, principalmente porque a criança é autêntica, para ela não existe meio termo. Diante desses obstáculos, cabe ao professor agir de forma honesta, encarar o problema com coragem e ousadia, procurando resolver os conflitos que irão surgir durante a aula.

Ainda sobre esta temática, não cabe ao professor comportar-se como alguém que não enfrenta adversidades, sendo sempre aquela figura inabalável, mesmo que não devamos levar os problemas para a sala de aula, contudo, o aluno precisa sentir que seu professor é uma figura humana, portanto, está passiva de problemas, frustrações, erros e tristezas, isto reforça os laços de intimidade entre ambos (FREIRE, 2011).

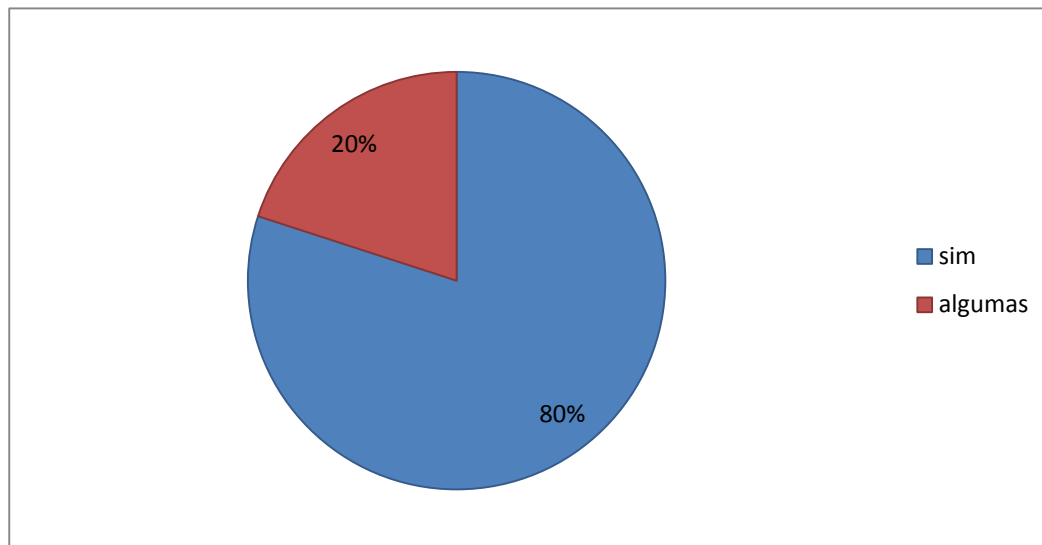
Avançando um pouco na análise, os 20% das professoras que elegeram a indisciplina como algo que atrapalhava sua relação de afeto com o aluno, encontramos o modelo do que se compõe a escola atual, quando esta reproduz um ensino ultrapassado, baseado na concepção de domesticação. Desde os corredores com grades, o posicionamento das cadeiras e do quadro, o professor à frente da sala e a posição em que as crianças precisam ficar durante quatro horas com apenas um intervalo de meia hora entre períodos de cópias, “preste atenção”, “silêncio”, entre outras ordens.

Diante deste quadro, não é difícil entender o porquê da indisciplina na sala de aula. Geralmente, ao aluno não é permitido questionar, imaginar, criar, divertir-se com a boniteza do aprender, como diz Freire (2011). Quando o professor propõe uma atividade diferente daquela costumeira, onde o aluno pode aprender brincando, nota-se que a aula flui e até o aluno mais desafiador interage com os outros.

Enfim, diante das respostas das professoras e refletindo sobre o estudado nos escritos dos autores, entendemos que a relação de afeto precisa ser vivenciada de forma concreta e honesta, o professor precisa ter comprometimento com sua prática pedagógica, considerando o interesse dos alunos acima de seus problemas pessoais. Dessa forma, desenvolverá uma relação de carinho e de credibilidade. Ele precisa entender que ensinar representa um ato de amor, respeito e esperança, ele deve acreditar que todo aluno mesmo aquele que representa um desafio é passivo de mudança e que o

diálogo deve ser considerado um canal de construção na busca pela autodisciplina que precisa ser assumida e vivenciada por ele.

Gráfico 8 - Planejamento das Atividades Diárias



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

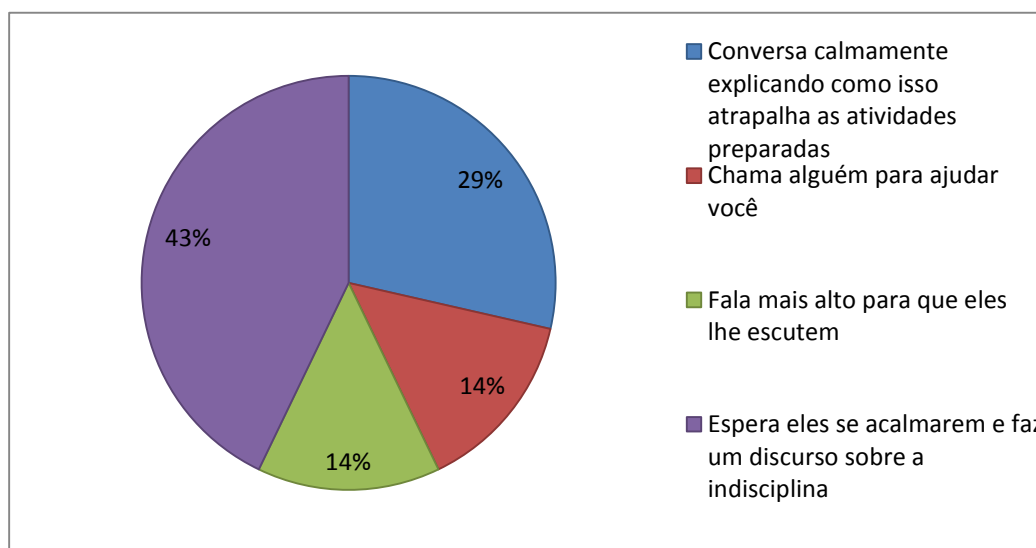
Quanto às atividades diárias, perguntamos se eram planejadas com o propósito da criança vivenciar o aprendizado e expressar seus sentimentos com liberdade, o que 80% das professoras responderam que sim, nos indicando com isso, que elas entendem que a sala de aula é o espaço onde a liberdade, segundo Freire (2011), especialmente a de expressão, deve constituir-se como algo natural, visto que é um cenário de convivência diária e abriga vários indivíduos diferentes, e ao mesmo tempo. Muitas emoções tomam conta de todos os que fazem parte do processo de aprendizagem e o aprendizado não pode acontecer de forma puramente teórica. A dinâmica da aula precisa ser pensada de forma que permita a livre expressão, principalmente quando o aluno se dispõe a dar um exemplo ou a fazer alguma pergunta. É neste momento que se constrói uma parceria que terá como consequência, alunos motivados e comprometidos com o aprendizado.

Os outros 20% das professoras responderam que só algumas atividades eram planejadas com o objetivo de dar oportunidade do aluno expressar seus sentimentos com liberdade. Entendemos que elas são o resultado de escolas que não permitem o desenvolvimento de atividades prazerosas e, muitas vezes barulhentas, que possibilitam a liberdade de sentimentos e um aprendizado

reflexivo, o que não é o caso da escola alvo da pesquisa, uma vez que a maioria tem o apoio para realizar atividades voltadas para o desenvolvimento do aluno no que diz respeito ao seu efetivo envolvimento na aprendizagem.

Porém é dever do professor, ousar, reinventar, buscar mudanças, mesmo diante de adversidades e empecilhos, pois ele deve ser aquele que representa transformações. Não se pode conceber alguém responsável pela formação do outro e não usar a sala de aula como um espaço de intervenção na realidade.

Gráfico 9 - As Relações de Conflito em Sala de Aula



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Com relação ao próximo questionamento, foi perguntado como, numa situação de conflito em sala de aula, costuma intervir e qual a postura em relação às partes envolvidas. Diante das opções oferecidas, 43% das professoras disseram que esperam que os alunos se acalmem e fazem um discurso sobre a indisciplina, conforme visualização do Gráfico 9. Sabemos que muitas situações desafiadoras aparecem durante as aulas, e que o docente precisa ter equilíbrio e um grande domínio de si para resolver esses atritos, no entanto, até que ponto o discurso irá resolver o impasse?

Uma sala de aula em que o professor não estabelece as regras no início do ano letivo, torna-se muito mais difícil impor qualquer tipo de limite para os alunos. É importante frisar que eles buscam o exemplo do professor e quanto mais o professor mantiver uma atitude calma e firme, melhor entenderão o seu recado.

Ainda sobre o discurso das professoras, diante dos atos de indisciplina dos alunos, principalmente no âmbito do ciclo de alfabetização, ressaltamos que o exercício da vida de professor exige uma carga de trabalho exaustiva, além das aulas em si, precisa estudar, se capacitar, pesquisar, enfrentar um currículo ultrapassado preso a um sistema que emperra a educação reflexiva, falta de apoio, além de tudo, este profissional deve estar pronto para as minúcias de cada aluno, que por sua vez mostrarão habilidades ou a falta delas, comportamentos, sentimentos e atitudes diversas, que se apresentarão de formas múltiplas em cada situação vivenciada em sala de aula.

Diante disso, como ter uma atitude equilibrada sempre? Como ter eloquência e as palavras certas, para cada ocasião? Nestes momentos desafiadores, é importante que o professor use de honestidade com seus alunos e autenticidade, demonstrando coerência naquilo que diz e no modo de expressar-se, de um modo firme, porém de forma afetuosa.

Analisando as demais respostas, encontramos 29% das professoras que responderam que conversam calmamente com as crianças explicando como as situações de conflito atrapalham as atividades preparadas. Nesta opção de resposta, reconhecemos honestidade e comprometimento delas com sua prática, pois demonstra seu interesse em que os alunos usufruam de uma aula planejada, sobressaindo com isto, sua ética profissional. Em meio às desavenças, é preciso parar e dialogar com os alunos para encontrar a melhor forma de resolver os conflitos, mesmo que para isso interrompa o que estava planejado retomando de forma mais tranquila.

Com relação às demais opções, 14% das professoras responderam que chamam alguém para ajudar e o restante dos 14%, que fala mais alto para que as crianças escutem. Os teóricos que abordam esse segundo tipo de comportamento dizem que, quando o professor altera a voz, ele demonstra descontrole, mas é preciso ter uma postura esperançosa em relação aos dilemas do cotidiano escolar. E, por outro lado, quando o professor transfere sua autoridade para outra pessoa numa situação de conflito, ele perde seu espaço e deixa claro para o aluno, que não consegue resolver aquela situação. Diante disso, o aluno começará a testar os limites do professor, sempre que acontecer alguma desavença, esse profissional enfrentará problemas para tomar as rédeas

da situação e perderá o domínio diante de sua sala de aula, e terá sérias dificuldades em retomar sua autoridade.

No âmbito da sala de aula, o docente precisa ter a total autonomia para deliberar sobre problemas relacionados aos seus aprendizes. A instituição não pode bloquear a competência do docente perante seus alunos, ela precisa apoiar o profissional em suas decisões e assisti-lo em situações extremas.

Concluindo queremos salientar que a melhor solução para mediar conflitos, constitui-se no diálogo como forma de expressar inquietações, frustrações, decisões e anseios. Diante disso, entendemos que o professor precisa tomar as rédeas da situação de conflito com autoridade e honestidade, o que gera limites necessários para manter a harmonia no cotidiano escolar.

Neste processo de busca e desafios, o afeto torna-se uma ferramenta de ajuda ao professor, pois, uma relação humanizada favorece os laços entre ele e o aluno, produzindo confiança e engajamento, ingredientes fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

Após os questionamentos com respostas fechadas, passamos a fazer três perguntas abertas: a primeira, se referiu à prática pedagógica utilizada em sala de aula, para quem é voltada e de que maneira deve ser feita. Todas as professoras responderam que a prática pedagógica sempre deve ser voltada para os alunos, para que aprendizagem aconteça. E que a maneira que deve ser feita é buscando criar um ambiente favorável, a partir de conversas, leituras, brincadeiras, relação de amizade, sempre com aulas diferentes e interessantes.

A segunda, se referiu à importância que elas davam ao afeto e como carregava esse sentimento em sua prática pedagógica. Todas afirmaram ser de suma importância o afeto em sua prática pedagógica, que procuravam ouvir e entender o que se passava com cada aluno, que as experiências tidas por ele não interferir em sua personalidade, autoestima e na aprendizagem, tanto no seio familiar como no escolar, que procuram despertar de maneira diferente o gosto pela leitura e pelos estudos, estímulos a viver num ambiente de respeito, sempre procurando abraçar, acariciar a cabeça, elogiá-lo e demonstrar atenção, ajudando-o a lidar com a imaturidade, insegurança e o desequilíbrio emocional.

E a terceira, se referiu a que pontuassem de zero a dez, o lugar que ocupa as emoções em suas aulas. A maioria classificou em oito, onde apenas uma classificou em dez. As professoras apontaram que as emoções durante as aulas

estão bastante presentes, que se envolvem com os alunos, com os problemas que os atormentam.

Entendemos que as emoções sendo identificadas podem mudar o rumo do aprendizado, e as negativas são as mais prejudiciais pois o aluno disperso, com medo, agressivo ou mal-humorado, retarda o ritmo do que deveria aprender no momento adequado escolhido e planejado pelo professor.

[...] as emoções negativas ajudam-nos a fazer escolhas e fazem parte do nosso manual de sobrevivência. A dor e o medo, por exemplo, salvam as nossas vidas. Algumas emoções são adquiridas geneticamente, não as percebemos, as vezes, mas elas estão ali. Essa dualidade emocional é importante para o nosso aprendizado, para nos entendermos o que pode ser ruim ou bom para nós. Por isso todo e qualquer sentimento deve ser canalizado positivamente (CUNHA, 2008, p.69)

Quando se é amado brota no aluno o desejo de aprender, e com é desejo o aluno começa a se sentir mais seguro, com autonomia e autoestima pois o estímulo através do ambiente afável faz com que isso aconteça, essa mudança de comportamento e de relação em sala de aula. O professor deve abordar a realidade em que o aluno esta inserido, para que o conteúdo seja conciliável a essa determinada realidade, criando um laço entre seu meio social e a escola, contextualizando para uma melhor aprendizagem.

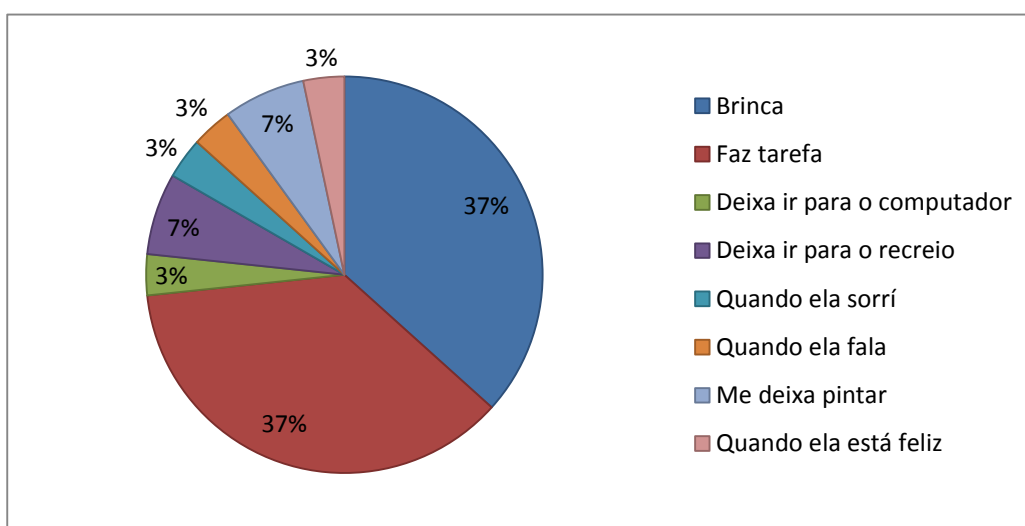
Avançando na análise dos resultados da coleta dos dados, passaremos a discutir as entrevistas que foram realizadas com os alunos. A faixa etária deles se concentrou nas crianças de 5 a 8 anos. Portanto, as perguntas foram elaboradas de forma simples, em uma linguagem de fácil entendimento, permitindo às crianças se expressarem de forma livre, usando o vocabulário próprio de suas respectivas idades, observando suas respostas de forma humanizada e imparcial. As perguntas feitas nesta entrevista foram as seguintes:

- O que você mais gosta na sua professora?
- O que sua professora faz que você não gosta?
- Como seria uma professora boa para você?
- Você recebe carinho com frequência de sua professora?
- Sua professora conversa com você?

A presente entrevista foi realizada com dezessete crianças. Apesar da temática específica ter sido o afeto, direcionamos as perguntas usando a palavra carinho, por se tratar de uma palavra mais próxima ao vocabulário delas e que também está intimamente ligada à afetividade. Deram as mais diversificadas respostas, e nós respeitamos o seu entendimento sobre as perguntas.

A primeira delas se referiu sobre o que mais gostam na professora. No Gráfico 10, encontramos uma variedade de ações que refletem o olhar dessas crianças como bons momentos, chamando nossa atenção o fato do mesmo percentual, 37% delas, indicarem dois momentos tão distintos em que a professora brinca e o momento em que ela passa a tarefa.

Gráfico 10 - O que você mais gosta em sua professora?



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados coletados.

A resposta comum esperada seria que gostava quando a professora dava carinho, abraçava e beijava, contudo, as crianças admiravam na professora as tarefas, aquelas que muitas vezes, provocam reações negativas e um desânimo tremendo na hora de realizá-las. Não entendemos, a princípio, o que significava essa resposta, vindo o seu esclarecimento em outras respostas mais adiante.

Refletindo sobre isso, vemos que as crianças não entendem o afeto como algo presente nas relações entre professor e aluno, por isso, elas articulam o carinho com aquilo que as professoras mais realizam em sala, as tarefas. Não quer dizer que as crianças não recebem afago de suas professoras, mas significa

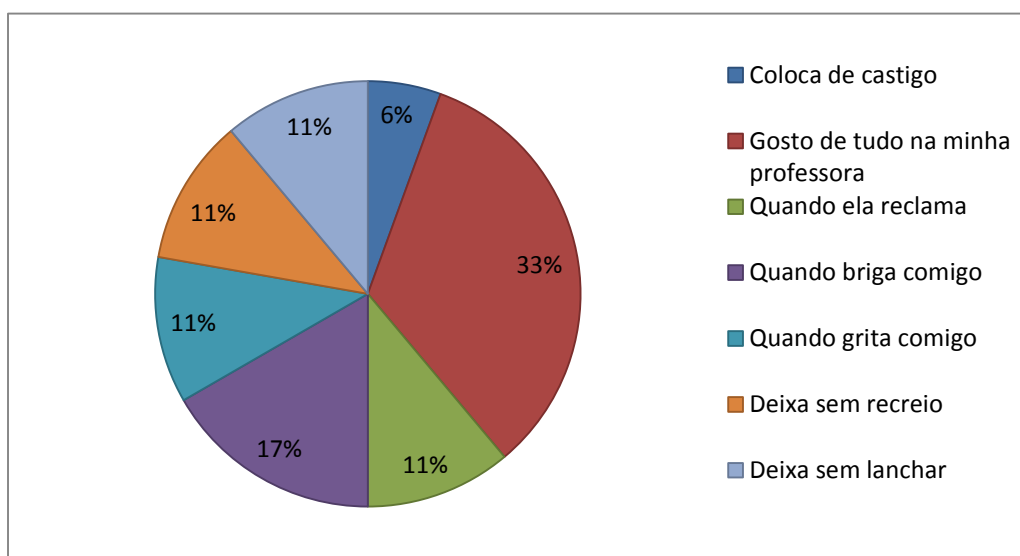
que elas provavelmente não entendem o que é ser acarinhado (AZEVEDO E GUERRA,1995, p. 18).

Já as outras crianças mencionaram o momento em que a professora brinca. Apesar do brincar não ter entrado no aporte teórico desta pesquisa, percebemos a importância dele no desenvolvimento das crianças, por isso, iremos refletir um pouco sobre o brincar na teoria do desenvolvimento de Vygotsky (2010). Ele diz que enquanto brinca a criança constrói um jogo de faz de conta e dentro deste cenário ela desempenha funções que mais tarde farão parte do seu universo adulto. Neste momento, ela assume responsabilidades dentro daquela brincadeira, iguais as de um adulto, e o divertido da brincadeira é cumprir as regras. Através das brincadeiras e jogos as crianças chegam à *Zona de desenvolvimento proximal*, ou seja, um estágio próximo de alcançar várias habilidades ainda não adquiridas, mas que estão iminentes na vida do aprendiz.

As demais respostas são irrelevantes frente à representatividade das duas primeiras, ora analisadas.

Ao serem perguntadas sobre o que a professora fazia e elas não gostavam, encontramos 33% delas dizendo que gostava de tudo, conforme visualização no Gráfico 11. Supomos, então, que há laços afetivos nessa relação, pois dificilmente elas dariam essa resposta, de maneira forte e espontânea, num cenário cotidiano tão propício a momentos de discordâncias.

Gráfico 11 - O que sua professora faz que você não gosta?



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

As demais respostas estão relacionadas ao autoritarismo, quando os alunos dizem que não gostam quando ela briga, quando grita, quando coloca de castigo, quando não deixa ir para o recreio, quando reclama. Neste sentido, entendemos que as relações estão partindo para o lado mais severo, com punições, que podem não colaborar na tomada de consciência de que fizeram algo que não deveriam ter feito.

As respostas apresentadas correspondem sempre as prováveis soluções desenvolvidas pelas professoras, para resolverem as intempéries do contexto escolar, contudo, na maioria das vezes, há reincidência dos casos de rebeldia. Uma solução mais elaborada seria manter uma linha de diálogo com o aluno, tornando-o, parte integrante do processo educativo.

Ao serem perguntadas sobre como seria uma boa professora na visão deles (crianças), novamente as respostas nos surpreenderam, no sentido de que 32% das crianças responderam que seria aquela que passasse tarefa, ou melhor, “dever”, conforme mostra no Gráfico 12.

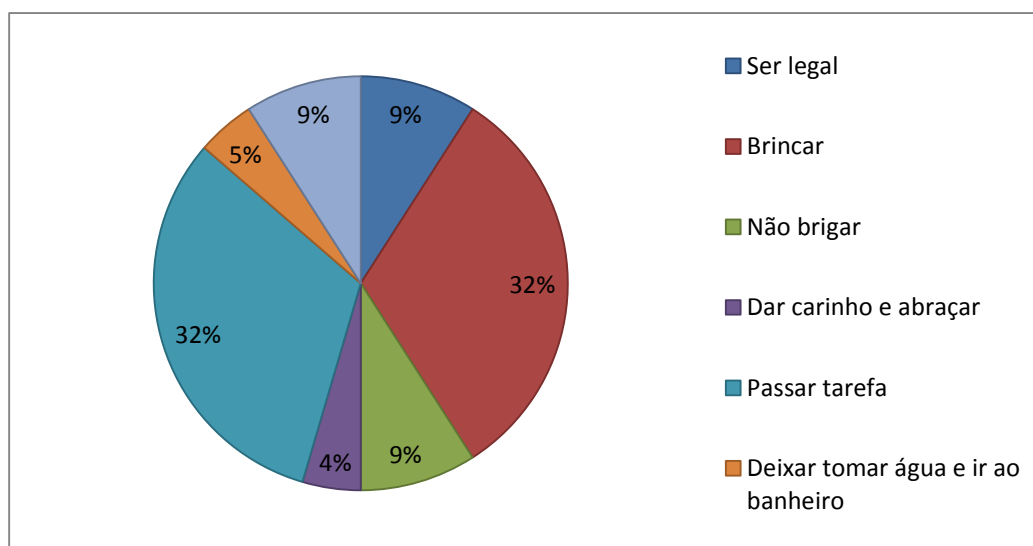
Para o entendimento das crianças entrevistadas, por mais que não gostem de copiar durante muito tempo o que está no quadro, ou mesmo no seu livro, assim como fazer uma leitura, no entanto a boa professora é aquela que passa tarefa de copiar e tarefas com textos para ler, embora não tenham o entendimento do que copiaram e do que leram.

Apesar do modelo de ensino ter sofrido várias alterações, e o cenário educacional ter se modernizado um pouco, procurando passar, na medida em que podem exigir, do tradicional para o construtivista na maioria das instituições de ensino, vemos nas salas de aula, traços daquela prática pedagógica que se resumia à reprodução de conteúdo, onde o aluno apenas copiava e absorvia o que era repassado pelo professor sendo ele o único que detém o saber, desta forma, os alunos ainda hoje, visualizam o professor como alguém que tem a função de propagar tudo aquilo que eles precisam aprender (SAVIANI, 2008).

Levando em consideração a estrutura de nossas escolas públicas, a carência de materiais tecnológicos, a falta de ferramentas mais modernas, de materiais lúdicos que chamem a atenção dos alunos é precária, o meio mais comum dentro da sala de aula para a transferência destas informações é o quadro, este constitui-se o principal mecanismo, que o professor tem em mãos, onde são repassados os conhecimentos, onde muitas vezes se torna exaustivo

tanto para o professor, quanto para o aluno. Mas muitos alunos não conhecem esses meios de ensino, o que os fazem refém de um ensino mais “tradicional”, em que o professor tem apenas como recurso o quadro. Portanto, para quem só usa esse recurso, um bom professor é o que faz exercícios no quadro.

Gráfico 12 – *Como seria uma professora boa para você?*



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

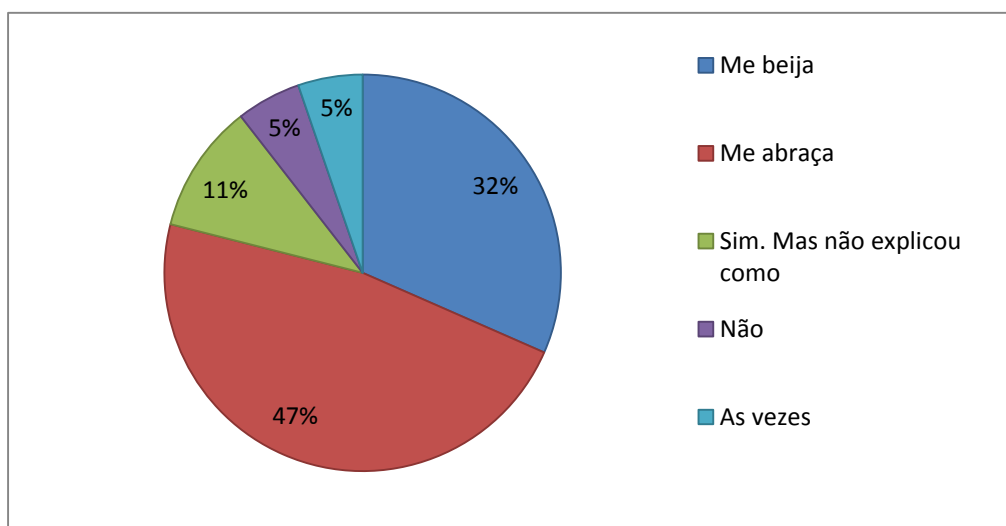
Outra resposta foi mencionada por 32% dos alunos, eles afirmaram que uma professora é boa quando brinca, novamente vimos à importância que a criança dá a brincadeira, isto acontece porque brincar faz parte do aprendizado infantil, ao contrário do que se pensa, o brincar não pode ser considerado um passatempo, através das brincadeiras as crianças se socializam, reforçam laços de amizade e amadurecem habilidades necessárias à sua vida adulta (VYGOTSKY, 2010).

Ao serem perguntadas sobre se recebem carinho com frequência da professora, constatamos algo que até então havia ficado um tanto obscuro em nossa pesquisa: foi o fato das crianças atribuírem bondade, na maioria das respostas, à professora que realizasse tarefas, em algumas afirmativas elas reiteravam, “muitas tarefas”, então no momento em que era feita a pergunta, sobre se recebe carinho, elas ficaram sem responder. Perguntamos se elas sabiam o que era carinho e também ficaram sem responder. Perguntamos como a sua mãe lhe dava carinho e as respostas foram: *ela me dá comida, ela me dá banho, ela conversa para eu ficar quieto, ela não me maltrata.*

Para aprofundar aquilo que já tínhamos suspeitado, invertemos a pergunta: *Você tem um animalzinho?* A maioria respondia que sim, e como você dá carinho a ele? Mais uma vez as respostas se articulavam com o cuidar, depois perguntamos: *Como você dá carinho à sua mãe?* Nesta hora, as respostas foram direcionadas ao ajudar: *eu varro a casa, eu lavo a louça, eu não faço bagunça.*

Diante disto, chegamos a uma conclusão preocupante e triste: as crianças não entendem o que é o carinho propriamente dito, como visualizado no Gráfico 13, apesar de 47% das crianças terem respondido que a professora abraça e 32% ter respondido que recebe beijos de sua professora e certamente elas fazem isso, pois as crianças são bem sinceras, e se isto não fosse verdade, não teria aparecido nas respostas.

Gráfico 13 – *Você recebe carinho frequência de sua professora?*



Fonte: Elaborado pelas autoras com base no material coletado.

Refletindo sobre isto, entendemos que as crianças entrevistadas não experimentam carinho em casa, pois muitas delas para entenderem o que era carinho, precisávamos abraçá-las e beijá-las na hora da entrevista, para mostrar o que era ser acarinhado no sentido literal da palavra, a partir daí, as respostas apareciam naturalmente, pois elas ligavam o nosso gesto ao carinho das professoras.

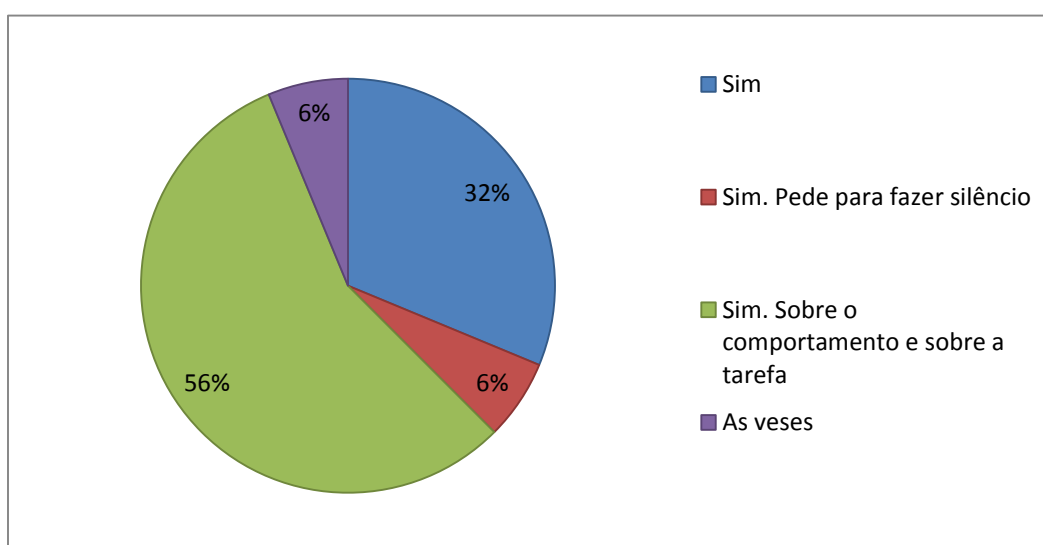
Portanto, observando este resultado, chegamos à conclusão de que as crianças estão sendo negligenciadas em seu aspecto emocional, isto torna a relação professor aluno mais difícil, pois o lar representa o primeiro ambiente

social da criança, é nele onde serão desenvolvidos aspectos emotivos que este indivíduo levará para toda sua vida. Se a atmosfera familiar representar um terreno hostil, onde as emoções não recebem atenção, certamente terão sérios problemas de relacionamento com seu professor e seus colegas, pois, ele sempre enxergará no outro um provável agressor de seus sentimentos (CIONEK, 2006, p. 11).

Concluindo a análise desta questão, inferimos que o professor tem uma grande responsabilidade nas relações de afeto. Considerando o aspecto familiar enfrentado pelo aluno, cabe a ele mostrar qual o significado do afeto, quando isto deveria ser apresentado pela família e apenas reforçado pelo professor. No entanto, diante desta realidade, cabe ao professor demonstrar através de gestos de afeto, respeito e generosidade, o que significa esta palavra tão pequena, mas que tem uma grande função no intelecto de uma criança.

A última pergunta da entrevista foi sobre se a professora conversava com as crianças. De acordo com o Gráfico 56% das crianças responderam que conversava, sim, sobre o comportamento e a tarefa. Isto nos leva de volta à importância da comunicação entre pessoas que convivem no mesmo espaço, durante várias horas e por muitos dias, no caso em pauta, durante todo o ano letivo. Através desta comunicação, o professor pode alcançar o aluno, tornando o relacionamento entre os dois, algo concreto e genuíno, se baseado na confiança e parcialidade que deve existir entre os sujeitos envolvidos neste contexto.

Gráfico 14 – *Sua professora conversa com você?*



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

A relação que se é criada através dessa comunicação irá transparecer na sala de aula entre o professor e o aluno, não sendo conversa apenas sobre o comportamento e a tarefa, e sim, abranger todo o estado emocional do aluno, desde como ele esta se sentindo em sala de aula como em casa.

Desta forma, o professor deve pautar sua prática numa comunicação direta e honesta, para que o aluno sinta segurança no seu discurso e reconheça seu papel no processo de ensino e aprendizagem. É responsabilidade dele, também, manter um canal de interlocução com a família, pois esta representa uma parte primordial no desenvolvimento dos filhos, e é dever da família incentivar a criança no tocante a importância dos estudos e sua relação com o futuro (RODRIGUES, 2011).

A outra resposta que prevaleceu foi a de que a professora conversava, sim, mas não especificaram. Então, deduzimos que deve ser sobre vários assuntos, e esta resposta corresponde a um percentual de 32% das crianças. Neste sentido, é possível compreender o diálogo também com uma demonstração de afeto, quando o professor interage com o aluno, conversando sobre as mais diversas temáticas. Isto é demonstração de carinho e afetividade, quando se interessa por outros assuntos da vida do aluno, de um modo geral. Por conseguinte, o professor deve fazer do diálogo uma forma de demonstrar o quão é importante para ele os fatos relacionados ao contexto secular do aluno, valorizando suas experiências e escutando suas inquietações (FREIRE, 2011).

Por fim, entendo que o diálogo sincero e honesto será capaz de propiciar ao aluno uma prática educativa autêntica, esta possibilitará ao aprendiz estreitar os laços de afeto com o professor, enquanto desenvolve suas habilidades e amplia seu conhecimento de mundo.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista os fatos analisados na presente pesquisa, concluímos o quão é importante a afetividade para o processo de ensino e aprendizagem, pois, através dos dados coletados, percebemos o quanto isto se constitui um instrumento de ligação entre professor/aluno, na qual compreendemos o fortalecimento e intimidade dos laços existentes entre os sujeitos do aprendizado.

No aporte teórico vislumbramos a base para fortalecer nosso trabalho, no tocante aos impedimentos que se apresentam no cenário afetivo e nas ferramentas que o professor deve utilizar para vencer estes entraves, como é o caso de um diálogo franco e de um planejamento voltado para o afeto.

Descobrimos, ainda, que várias adversidades se apresentam como impedimento para o fortalecimento deste vínculo, enfraquecendo esta relação, tornando o relacionamento frio, distante e sem intimidade. Deste modo, percebemos que esta lacuna na relação professoral produz alunos desmotivados, inquietos e desesperançados quanto ao aprendizado. Notamos também, que muitos fatores no cotidiano do aluno contribuem para a quebra deste elo, quando este enfrenta uma atmosfera familiar propensa à violência que despreza seus sentimentos, o condicionando a um cenário de desamor, onde ele enxerga o outro como um agressor em potencial.

Diante disto, ficou claro que o professor tem papel importante no aprendizado deste aluno, quando se constitui um importante parceiro com referência a sua ligação com o mesmo, buscando estratégias, refletindo e buscando uma prática que atenda às necessidades do aluno, considerando suas particularidades e suas emoções. Deste modo, terá alunos estimulados e sedentos de conhecimento, pois experimentarão a boniteza do aprender (FREIRE, 2011).

Através das análises e resultados compartilhados, percebemos os artifícios utilizados pelas professoras para tornar a sala de aula um lugar mais prazeroso e diferente do cotidiano truculento que enfrentam em casa, levando os alunos a não compreenderem o real sentido da palavra carinho, relacionando este ao cuidar. Também se constatamos a fraqueza do currículo e o quanto este é obsoleto, pois não permite a livre expressão do aluno e enquanto isso aprisiona

a criatividade do professor quando amarra-o à burocracias e ensinamentos vazios, para o simples cumprimento de prazos.

Vimos, também, os anseios e inquietações dos alunos quando atribuem o carinho (afeto) do professor aquilo que mais se faz em sala de aula, “tarefa”, não porque isto representa algo realmente bom, e sim, por que diante da fragilidade e carência de nossas escolas, esta tem sido um dos únicos recursos com o qual o professor conta no seu cotidiano.

Por conseguinte, percebemos como o brincar é importante para o aluno, e quão carente nossas crianças são de brincadeiras, muitas vezes por falta de espaço, outras por falta de tempo e ainda pela escassez de materiais que deveriam ser de uso essencial à criatividade própria dos que enxergam no brincar não apenas um passatempo, mas a porta de entrada para o seu desenvolvimento.

E, finalmente, concluímos que diante de tantos dilemas o afeto se apresenta como um importante parceiro do professor, pois este tem o poder de encurtar distâncias, ultrapassar barreiras preconceituosas, vencer obstáculos e aproximar os sujeitos envolvidos no processo cognitivo. Os professores precisam entender que ensinar necessita de afeto na relação com o aluno para que surta o efeito esperado: a aprendizagem. A prática pedagógica exige que o professor leve em consideração os sentimentos e emoções do aluno, já que podem favorecer, ou não, o desenvolvimento cognitivo. Esperamos com esta pesquisa, contribuir para um cenário educacional, onde o afeto se constituirá um instrumento de fundamental importância no cotidiano escolar, notadamente estando sempre presente nas salas de aula do ciclo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.24, n.2, jul/dez, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em 22 de maio de 2016

AZEVEDO. M. A.; GUERRA, V. N. A. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes:** um cenário em (des)construção. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/cap_01.pdf. Acesso em: 21 de maio de 2016.

CARVALHO, Júlia. "O homem está evoluindo para conciliar a emoção e a razão", diz António Damásio. **Revista VEJA**. São Paulo, jun, 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/os-sentimentos-sao-fundamentais-para-a-sociedade-diz-antonio-damasio>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

CELETI, F. R. Origem da educação obrigatória: um olhar sobre a Prússia. **Revista Saber Acadêmico**. São Paulo, n. 13, jun, 2012. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista13/pdf/artigos/06.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

CIONEK, M. I. G. D.; ROSAS F. K. O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. **Revista Conhecimento Interativo**, São José de Pinhais, PR, v.2, n.1, p. 10–15, jan/jun, 2006. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/impacto.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2016.

CUNHA, Antônio Eugênio da. **Afeto e aprendizagem:** relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DIGIÁCOMO, MURILO JOSÉ. **Estatuto da Criança e Adolescente, Anotado e Interpretado**. Murilo José Digiácomo e Ildeara Amorim Digiácomo. 6ª ed. Curitiba, Ministério Público do Estado do Paraná. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Emoções**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

Lev Semionovich Vygotsky – Ivan Ivic: Tradução: José Eustáquio Romão; Organização: Edgar Pereira Coelho; **Coleção Educadores MEC- Fundação Joaquim Nabuco**. Editora: Massangana, Costa Forte, Recife, 2010.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, R. L. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**. São Paulo, n.20, jun, 2005. Disponível em: <http://www.pucamp.br/~biblio/tbsouza92.html>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RODRIGUES, Janine Marta C. **As Várias Faces da Indisciplina na Escola: Uma Análise das Causas e Consequência nos Processos de Aprendizagem**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

SANTOMAURO, Beatriz. Três ideias sobre a aprendizagem. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 237, nov, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZANATA, Milena Hoppen. A Contribuição da Estimulação para a aprendizagem. **Revista de Educação do IDEAU**. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai. Uruguai, v.9, n.20, jul/dez, 2014. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/222_1.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2016.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

“AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS TURMAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO”

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1- QUAL O MODELO DE ENSINO UTILIZADO PELA INSTITUIÇÃO?

() Tradicional () Construtivista () Ambos

2- COMO OS ALUNOS SÃO ESTIMULADOS, PARA QUE HAJA UM BOM DESENVOLVIMENTO NA APRENDIZAGEM?

- () Dinâmicas
- () Jogos pedagógicos
- () Ambiente desafiador
- () Estimulo a autoestima
- () Eles vão aprender de qualquer forma mesmo, afinal, são crianças.

3- QUAIS SÃO AS FORMAS DE INTERAÇÃO PROMOVIDAS PELA INSTITUIÇÃO ENTRE PROFESSOR/ALUNO E ALUNO/ALUNO?

- () Brincadeiras
- () Atividades com foco em socialização
- () Relações de amizade e afeto
- () Relações de respeito e disciplina

4- QUAIS OS MODOS DE COMPORTAMENTO OBSERVADOS EM SALA DE AULA, NO QUE DIZ RESPEITO AO CENÁRIO AFETIVO, SOCIAL E PSICOLÓGICO DOS ALUNOS?

São agressivos São solidários São indiferentes

5- A INSTITUIÇÃO OFERECE TODAS AS CONDIÇÕES NECESSARIAS PARA QUE A CRIANÇA SE SINTA SEGURA E PROTEGIDA, FORA DO SEIO FAMILIAR?

Sim Não Em alguns aspectos

6- PARA VOCÊ QUAL A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM?

30% 50% 80%

7-COMO SE DÁ SUA APROXIMAÇÃO AFETIVA COM OS ALUNOS? MARQUE A ALTERNATIVA QUE MAIS COMBINA COM VOCÊ. SEJA HONESTA.

- Entre as aulas sempre tenho uma conversa com eles
- Espero um momento para ter uma aproximação individual
- Não sou muito afetuosa, é o meu jeito
- Acho que a relação com eles deve ser apenas profissional

8-QUAL O CONTEXTO SOCIAL EM QUE SEUS ALUNOS ESTÃO INCERIDOS E COMO ISSO INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DELES NO QUE DIZ RESPEITO AO AFETO?

- O ambiente familiar é violento e isso atrapalha a relação de afeto entre os alunos
- Apesar do ambiente familiar ser violento isso não afeta o aluno em sala

-) Nem todos os alunos trazem os problemas do ambiente familiar para casa
-) Quando os alunos estão aqui, procuro reproduzir uma atmosfera diferente do ambiente familiar deles

9- O QUE PODE ATRAPALHAR SUA RELAÇÃO DE AFETO COM SEUS ALUNOS?

-) Problemas do cotidiano
-) As frustrações e desafios de ser professor
-) A indisciplina deles
-) Procuro não transferir meus problemas para meus alunos

10-AS ATIVIDADES DIARIAS SÃO PLANEJADAS COM O PROPÓSITO DE A CRIANÇA VIVENCIAR O APRENDIZADO E EXPRESSAR SEUS SENTIENTOS COM LIBERDADE?

-) Sim) Não) Algumas

11- NUMA SITUAÇÃO DE CONFLITO EM SALA DE AULA, COMO VOCÊ COSTUMA INTERVIR E QUAL SUA POSTURA EM RELAÇÃO AS PARTES ENVOLVIDAS?

-) Conversa calmamente explicando como isso atrapalha as atividades preparadas
-) Chama alguém pra ajudar você
-) Fala mais alto para que eles lhe escutem
-) Espera eles se acalmarem e faz um discurso sobre a indisciplina

12- Em sua opinião, sua prática pedagógica deve ser voltada aos interesses de quem? E de que maneira deve ser feita? _____

13-Qual a importância que você dá ao afeto e como carrega esse sentimento em sua prática pedagógica?_____

14-Numa escala de zero a dez, qual o lugar ocupado pelas emoções durante suas aulas?_____



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

“AS RELAÇÕES DE AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS TURMAS DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO”

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1.O que você mais gosta na sua professora?

2.O que sua professora faz que você não gosta?

3.Como seria uma professora boa para você?

4.Você recebe carinho com frequência de sua professora?

5.Sua professora conversa com você?

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a):

Escolhemos seu filho para participar de uma pesquisa sobre “as relações de afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas turmas do ciclo de alfabetização”, que será desenvolvida com alunos da Escola M. de E. F. Comendador Cícero Leite. A finalidade do trabalho é compreender como se dá isso, na visão dos professores e dos alunos da escola. Solicitamos a sua colaboração e participação, como também, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicações científicas. A pesquisa será baseada na aplicação de um questionário com os professores e entrevista com os alunos, contendo questões objetivas e dissertativas. Os dados serão utilizados para fomentar a elaboração do nosso Trabalho de Conclusão de Curso – TCC junto a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Isolda Ayres Viana Ramos. **A participação é opcional e confidencial. Portanto, não existe qualquer possibilidade de identificação do participante durante a transcrição dos dados, na apresentação dos resultados ou mesmo através de publicações de artigos técnicos científicos.** Se você ou seu(s) responsável(eis) tiverem alguma dúvida relacionada à pesquisa, podem utilizar os canais disponibilizados neste documento.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

(Assinatura do Participante da Pesquisa)

João Pessoa, _____ de fevereiro de 2016